

### II.5.2.2- Fauna

Seguindo o planejamento amostral geral, já descrito no item II.5.2., o diagnóstico da fauna ocorrente na área de estudo é constituído de uma caracterização regional e local dos grupos de interesse (peixes de água doce, anfíbios, aves, répteis e mamíferos). Além de informações bibliográficas, foram coligidos dados primários através da visita em 114 Pontos de Amostragem de Fauna (PAF) nos 941 km do traçado proposto, que representam cerca de 1 ponto a cada 8,2km, sendo que foram visitados 21 pontos no Trecho 1 (PAF 01 a 14 e 109 a 114), 05 pontos no Trecho 2 (PAF 104 a 108), 17 pontos no Trecho 3 (PAF 87 a 103), 32 pontos no Trecho 4 (PAF 16 e 29 e 26 a 86), 28 pontos no Trecho 5 (PAF 30 a 54 e 66 a 68) e 11 pontos no Trecho 6 (PAF 55 a 65). O mapa com o traçado proposto, a localização dos pontos amostrados e fotos ilustrativas encontram-se no mapa DE-4450.74-6521-986-BOR012 em anexo.

O referido traçado inicia-se ao norte do rio Doce, no Estado do Espírito Santo, e termina na Bahia na área metropolitana de Salvador atravessando fisionomias distintas e uma grande heterogeneidade de ambientes. Como já referido no diagnóstico da vegetação ele atravessa áreas de restinga, manguezais, extensas várzeas, remanescentes florestais, capoeiras, pastagens, talhões de eucalipto e de pinus, rios de grande porte, canaviais, áreas peri-urbanas, enfim um mosaico fisionômico que se reflete na composição e abundância das comunidades animais.

Obviamente a fauna que habita esses ambientes é diferente e uma caracterização completa de tão amplo grupo (peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos) em uma área extensa é tarefa árdua com o nível de conhecimento científico atual.

#### II.5.2.2.1. Metodologia

Cada especialista da fauna (ictiólogo, herpetólogo, mastozoológico e ornitólogo) se utilizou de metodologias específicas às peculiaridades do seu grupo taxonômico para a realização das amostragens e estas são apresentadas a seguir:

- **Ictiofauna**

A fauna de peixes da área de influência do Gasoduto Cacimbas-Catu foi avaliada visando identificar os possíveis impactos da instalação dos dutos sobre a ictiofauna dos cursos d'água interceptados.

Durante as expedições a campo, foram visitados os cursos d'água nas imediações do traçado preliminar (Anexo 5.III), a escolha desses pontos foi feita com vistas a representar os cursos d'água interceptados pela faixa do Empreendimento, levando-se em consideração as diferentes bacias hidrográficas e a existência de acessos, sendo que alguns desse arroios foram selecionados para realização de amostragens da ictiofauna. Para cada curso d'água visitado foi feita uma avaliação visual das suas condições gerais, sendo realizada a identificação do substrato (lajeado, pedras, blocos, seixos, areia, lodo), as condições da mata ciliar (bem preservada, em regeneração, degradada ou sem mata), o aporte de poluente etc.

As amostragens da ictiofauna foram feitas em caráter qualitativo, utilizando-se as artes de pesca que mais se adequavam as características do local. As técnicas utilizadas foram tarrafa e puçá (Foto 5.143). Os exemplares capturados foram fixados em formol a 10% e conservados em álcool 70%. O material coletado foi encaminhado ao Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS. O detalhamento das técnicas de coleta e fixação do material pode ser encontrado em Malabarba & Reis (1987).

Além das coletas, foram realizados levantamentos na base de dados NEODAT (The Inter-Institutional Database of Fish Biodiversity in the Neotropics – [www.neodat.org](http://www.neodat.org)) e na bibliografia especializada. O projeto NEODAT é o produto de um esforço cooperativo internacional para disponibilizar dados sistemáticos e geográficos de peixes de água doce Neotropicais, depositados em coleções de museus de história natural no Novo Mundo e na Europa. Estão disponíveis neste banco de dados as coleções de nove museus da América do Sul, quatro da América Central, 14 da América do Norte, e um da Europa, num total de 374.512 lotes de peixes disponíveis para pesquisa.



*Foto 5.143- Coleta de peixes com puçá, Rio Cachoeira – Itabuna/BA. Foto BOURSCHEID*

- **Herpetofauna**

### **Anfíbios**

Muitas técnicas são utilizadas para a confecção de listas de espécies ou informações da riqueza de um sítio. A maior parte delas envolvem métodos de coletas gerais, historicamente realizadas pelos herpetólogos. Tipicamente envolvem amostragens e coletas de anfíbios em todos os possíveis (apropriados) microhabitats durante o dia e a noite e resultando em uma modesta modificação nos habitats.

Durante o dia, foi utilizado o método do censo de visualização (VES - *visual encounter survey*), que consiste na realização de deslocamentos aleatórios nos pontos de amostragem, registrando-se todos os espécimes avistados. À noite, com o auxílio de lanterna (Foto 5.144), foi utilizado novamente o método do censo de visualização aleatória, conjugado com um censo de audição (AST - *audio strip transects*) (HEYER *et al.*, 1994).



*Foto 5.144- Amostragem noturna, Camacan/BA (UTM 444693/8289780). Foto BOURSCHEID*

As identificações das espécies foram feitas com base em animais observados em campo e através das vocalizações emitidas pelos machos (devido à vocalização e à concentração nos locais de reprodução, os machos dos anuros são observados com maior frequência que as fêmeas). Todos espécimes observados foram identificados e soltos no ponto de captura. Quando necessário, foram feitas fotografias dos animais encontrados para auxiliar na identificação.

Também foram considerados os registros bibliográficos pertinentes às áreas amostradas, em especial (SILVANO & PIMENTA, 2003; FREITAS & SILVA, 2004)

## Répteis

Realizaram-se caminhadas aleatórias à procura de répteis em atividade de forrageio ou termorregulação. A procura foi realizada tanto durante o dia quanto no período da noite, quando indivíduos de espécies com atividade noturna podem ser mais facilmente encontrados. A procura de indivíduos inativos foi realizada vasculhando-se possíveis abrigos, como pedras, troncos caídos, cascas de árvores, folhiço e tocas. As estradas vicinais à área foram percorridas em busca de espécimes eventualmente atropelados.

Além dos dados coletados durante a incursão à área, onde foram priorizados os pontos notáveis, o inventário de répteis foi realizado também através da compilação das informações disponíveis na literatura especializada (VANZOLINI *et al.*, 1980; FREITAS, 1999; RAN, 2002; MARQUES, 2002).

A utilização das informações existentes na bibliografia e nas coleções científicas é fundamental para uma melhor compreensão da composição da comunidade de répteis de uma região. As características de vida, seus hábitos e estratégia de escape e refúgio fazem com que a maioria das espécies seja de difícil encontro na natureza, sendo necessário um esforço de coleta muito grande e, principalmente, de longos espaços de tempo para a uma amostragem significativa da fauna.

Alguns moradores da região foram argüidos sobre a presença das espécies de répteis mais características. Essa técnica é em geral pouco útil para as serpentes, pois o conhecimento popular das diferentes espécies é precário e dificilmente permite uma identificação correta. A existência de espécies muito semelhantes entre si (como corais e jararacas) dificulta ainda mais a obtenção de informações desta maneira.

A bibliografia básica empregada para a classificação das espécies foi, além das já citadas, a de Peters e Donoso-Barros (1970); Peters e Orejas-Miranda (1970) e a lista atualizada da EMBL (2004).

- **Avifauna**

Para a identificação das aves foram utilizados binóculos e guias de campo especializados. Todas as aves avistadas e/ou ouvidas foram registradas e passadas para planilhas de campo. O período de observação foi entre uma hora após o nascer do sol até o início da noite.

Foi elaborada uma listagem com espécies registradas e identificadas as espécies endêmicas, de acordo com Sick (1997), e ameaçadas, conforme IUCN (2003), IBAMA (2003) e Alves *et al.* (2000). Os

registros exclusivos de bibliografia foram considerados como identificações na área de influência indireta do Empreendimento. Todavia, esses registros foram incluídos apenas nas análises sobre riqueza de toda a região amostrada. As aves foram diferenciadas de acordo com os itens alimentares preferenciais (Gr, grãos; Fr, frutos; Ne, néctar; Na, carniça; Ca, carne; Ar, artrópodes; Fo, folhas; Mo, moluscos; On, onívoros), os estratos que utilizam regularmente (S, solo; U, subbosque/meia altura; D, dossel; W, aquático; V, aéreo) e os habitats (F, florestas; C, campos/áreas abertas; A, aquático; B, borda; G, generalista), segundo as descrições de Sick (1997) e observações de campo. Ressalta-se que uma espécie pode estar presente em mais de um estrato e/ou habitat e pode consumir mais de um tipo de alimento. A seqüência taxonômica, a nomenclatura científica e os nomes comuns da avifauna estão de acordo com Sick (1997).

Foi, também, elaborada uma listagem com as espécies que ocorreram na área de influência indireta para vislumbrar a riqueza regional da avifauna atingida pelo Empreendimento.

Foi utilizada bibliografia de apoio (*e. g.* raras, endêmicas e ameaçadas. CRA e GEO EXPERTS, 2001; CORDEIRO, 2003; IBERDROLA ENGENHARIA DO BRASIL, 2001; PACHECO, WHITNEY E GONZAGA, 1996; WEGE E LONG, 1995) para a complementação da listagem da avifauna que ocorre na região de influência do Empreendimento.

- **Mastofauna**

Para cada ponto de amostragem foi feito o registro das principais características do ambiente, dos diferentes tipos de habitats e da ocorrência de abrigos para a mastofauna. Em cada ponto de amostragem, foram percorridos os diferentes tipos de ambientes (Fotos 5.145, 5.146, 5.147 e 5.148), em busca de vestígios (pegadas, fezes, pêlos, entre outros) e de visualizações e/ou vocalizações de mamíferos silvestres, além de entrevistas com moradores. Os vestígios encontrados (especialmente pegadas) foram identificados com auxílio de guia de campo específico (BECKER e DALPONTE, 1999).

Para a classificação sistemática, utilizou-se Eisenberg & Redford (1989) salvo, quando citado em contrário. Os nomes populares utilizados seguem o proposto por Venturini *et al.* (1996) e Fonseca *et al.* (1996), buscando empregar os nomes de forma regionalizada. Os tipos de habitat e hábitos utilizados pelas espécies de mamíferos seguem o indicado por Fonseca *et al.* (1996). Para o status de conservação das espécies foi utilizado IBAMA (2003), uma vez que os Estados da Bahia e do Espírito Santo não possuem uma lista oficial de espécies ameaçadas.



Fotos 5.145, 5.146, 5.147 e 5.148- Metodologia de levantamento da mastofauna. Foto BOURSCHEID

#### II.5.2.2.2- Diagnostico

##### Caracterização da fauna regional

A base científica para a caracterização regional dos grupos de interesse (peixes de água doce, anfíbios, répteis, aves e mamíferos) foi, primeiramente, a reunião de informações pretéritas bibliográficas. Essas informações foram complementadas em campo e geraram listas de espécies ocorrentes nos diferentes trechos pré-selecionados. Foram acrescentados, também, dados bio-ecológicos e de conservação que auxiliaram em um melhor projeção das interferências causadas a fauna pelo Empreendimento. Posteriormente, são listadas as principais espécies ocorrentes em cada um dos seis (6) trechos pré-definidos.

- **Ictiologia**

A região neotropical (América Central e do Sul) apresenta a maior diversidade de peixes do mundo, com cerca de 4500 espécies conhecidas e cerca de 1500 ainda não descritas (REIS et al. 2003). Isso representa 20 a 25% do total de espécies de peixes existentes no mundo, tanto de água doce quanto marinhas (VARI & MALABARBA, 1998). Toda essa diversidade deve-se à história da formação dos sistemas fluviais da América do Sul, que remontam ao início do Cretáceo há 112 milhões de anos (LUNDBERG et al. 1998).

Dentro dos limites da região neotropical, observa-se a existência de sub-áreas que exibem conjuntos ictiofaunísticos fortemente diferenciados dos ocorrentes em outros setores. Essas sub-áreas configuram unidades ictiogeográficas, usualmente referidas como províncias ou domínios biogeográficos (BIZERRIL & PRIMO, 2001). A área de influência do gasoduto Cacimbas-Catu está situada na região ictiofaunística do leste brasileiro, sub-região leste, que se estende de Vitória (ES) até a foz do rio São Francisco (cf. BRITSKI, 1994).

Os riachos, rios e outros ecossistemas aquáticos da Mata Atlântica Brasileira abrigam uma fauna de peixes rica e variada que tem íntima associação com a floresta que garante principalmente proteção e também alimentação (MENEZES *et al.*, 1990). Segundo Buckup (1996), de modo geral, essa região possui alta percentagem de espécies de peixes endêmicas. Isto deve-se à concentração de grande número de bacias hidrográficas independentes, aliada ao efeito isolador que as cadeias de montanhas que separam os diversos vales da região exercem sobre as várias populações de peixes. As características topográficas e fisionômicas proporcionam uma ampla gama de ambientes distintos, o que favorece a ocorrência de um grande número de espécies, cada uma das quais adaptadas a um subconjunto particular desses ambientes, o que eleva o número de espécies endêmicas da área. Por fim, a predominância de cursos d'água relativamente pequenos favorece a ocorrência de espécies de pequeno porte, com limitado potencial de dispersão espacial. Tais espécies tendem a ser mais susceptíveis à especiação, visto que suas populações localizadas podem divergir geneticamente das demais com maior rapidez do aquelas das espécies típicas de grandes rios. Ainda segundo Buckup (1996), o índice de endemismo da região ictiogeográfica de Leste Brasileiro deve ser superior a 70%.

Com a devastação da floresta, hoje restrita a apenas 2 a 5% de sua extensão inicial, houve uma profunda alteração, reduzindo a fauna original a uma fração do que existia no passado. Infelizmente, a documentação da exuberância faunística pretérita foi muito incompleta, de tal forma que os dados

atualmente disponíveis dão apenas uma pálida idéia sobre a diversidade da fauna de peixes da região (MENEZES, 1996).

No trabalho de campo realizado na área de influência do Empreendimento, somando-se com pesquisa realizada no banco de dados NEODAT e na literatura especializada, chegou-se a um total de 84 espécies, pertencentes a 23 famílias com distribuição conhecida para a região entre Linhares, no Estado do Espírito Santo, e Catu, no Estado da Bahia (Tabela 5.130).

**Tabela 5.130- Lista de peixes coletados na área de influência do Gasoduto Cacimbas-Catu, e de registros obtidos no banco de dados NEODAT e na literatura especializada para a região, em ordem filogenética de acordo com REIS et al., 2003 (NP, Nome Popular; AM, espécie coletada; BL, espécie com registro em Bibliografia/Neodat)**

Ordem	Família	Espécie	NP	AM	BL		
Characiformes	Parodontidae	<i>Apareirodon itapicuruensis</i>	-		x		
	Curimatidae	<i>Cyphocharax gilbert</i>	biru	x	x		
		<i>Steindachnerina elegans</i>	biru	x	x		
	Prochilodontidae	<i>Prochilodus vimboides</i>	curimbatá		x		
	Anostomidae	<i>Leporinus bahiensis</i>	piau		x	x	
		<i>Leporinus cf. garmani</i>	piau				
		<i>Leporinus</i> sp. 1	piau-de-brinco		x		
		<i>Leporinus</i> sp. 2	piau-branco		x	x	
		<i>Leporinus</i> sp. 3	piau-capim		x		
		Crenuchidae	<i>Characidium</i> sp. 1	canivete		x	x
			<i>Characidium</i> sp. 2	canivete		x	x
	<i>Characidium</i> sp. 3		canivete		x		
	Characidae	<i>Astyanax bimaculatus</i>	piaba		x	x	
		<i>Astyanax</i> sp.	piaba		x	x	
		<i>Brycon ferox</i>	piabanha			x	
		<i>Brycon vermelha</i>	vermelha		x	x	
		<i>Hemigrammus gracilis</i>	piaba		x		
		<i>Hemigrammus marginatus</i>	piaba			x	
		<i>Hyphessobrycon bifasciatus</i>	piaba		x	x	
		<i>Hyphessobrycon luetkenii</i>	piaba		x	x	
	<i>Hyphessobrycon reticulatus</i>	piaba		x			



Ordem	Família	Espécie	NP	AM	BL
		<i>Hyphessobrycon</i> sp.	piaba	x	
		<i>Lignobrycon myersi</i>	piaba-faca	x	x
		<i>Mimagoniates microlepis</i>	-	x	x
		<i>Moenkhausia doceana</i>	piaba		x
		<i>Moenkhausia</i> sp.	-	x	
		<i>Metynis maculatus</i>	pacu	x	
		<i>Nematocharax venustus</i>	-	x	x
		<i>Oligosarcus acutirostris</i>	-	x	x
		<i>Serrapinnus piaba</i>	piaba	x	x
		<i>Serrasalmus rhombeus</i>	piranha	x	
	Erythrinidae	<i>Erythrinus kessleri</i>	-	x	x
		<i>Hoplias lacerdae</i>	traíra	x	
		<i>Hoplias malabaricus</i>	traíra	x	x
Siluriformes	Trichomycteridae	<i>Microcambeva</i> sp.	cambeva	x	
		<i>Trichomycterus bahianus</i>	cambeva	x	
		<i>Trichomycterus</i> sp.	cambeva	x	x
	Callichthyidae	<i>Callichthys callichthys</i>	-	x	
		<i>Corydoras nattereri</i>	-	x	
		<i>Corydoras prionotus</i>	-		x
		<i>Hoplosternum littorale</i>	-	x	x
	Loricariidae	<i>Hemipsilichthys bahianus</i>	acari	x	x
		<i>Hisonotus notatus</i>	-		x
		Hypostominae Gen. n. sp. n.	acari	x	x
		<i>Hypostomus</i> sp. 1	acari	x	x
		<i>Hypostomus</i> sp. 2	acari	x	
		<i>Hypostomus</i> sp. 3	acari	x	
		<i>Hypostomus</i> sp. 4	acari	x	
		<i>Otothyris travassosi</i>	-		x
		<i>Otothyris</i> sp.	-	x	
		<i>Parotocinclus cristatus</i>	-	x	
		<i>Parotocinclus jimi</i>	-	x	
		<i>Parotocinclus</i> sp.	-		x

Ordem	Família	Espécie	NP	AM	BL
		<i>Pogonopoma wertheimeri</i>	-		X
		<i>Pseudotothyris</i> sp.	-		X
	Pseudopimelodidae	<i>Microglanis</i> sp.	-	X	X
	Heptapteridae	<i>Cetopsorhamdia iheringii</i>	-	X	
		<i>Imparfinis</i> sp.	-		X
		<i>Phenacorhamdia tenebrosa</i>	-	X	
		<i>Pimelodella itapicuruensis</i>	-	X	
		<i>Pimelodella</i> sp.	-	X	
		<i>Rhamdia quelen</i>	-	X	X
	Doradidae	<i>Kalyptodoras bahiensis</i>	peracuca		X
Gymnotiformes	Gymnotidae	<i>Gymnotus bahianus</i>	-	X	
Cyprinodontiformes	Poeciliidae	<i>Phalloceros</i> sp.	guarú	X	X
		<i>Poecilia reticulata</i>	guppy	X	X
		<i>Poecilia vivipara</i>	guppy	X	X
Synbranchiformes	Synbranchidae	<i>Synbranchus marmoratus</i>	muçum	X	
Perciformes	Scianidae	<i>Pachyurus adpersus</i>	pescada		X
	Centropomidae	<i>Centropomus parallelus</i>	robalo	X	
		<i>Centropomus undecimalis</i>	robalo		X
	Gerreidae	<i>Diapterus</i> sp.	carapeba	X	X
		<i>Eugerres brasilianus</i>	caratinga		X
	Pomadasyidae	<i>Pomadasyis croco</i>	corcoroca		X
	Cichlidae	<i>Cichla monoculus</i>	tucunaré	X	
		<i>Cichlasoma</i> sp.	acará	X	X
		<i>Geophagus brasiliensis</i>	acará	X	X
		<i>Geophagus obscurus</i>	acará	X	
		<i>Oreochromis niloticus</i>	tilápia	X	X
		<i>Tilapia rendalli</i>	tilápia	X	
	Mugilidae	<i>Mugil curema</i>	tainha	X	
		<i>Mugil</i> sp.	tainha	X	
	Gobiidae	<i>Awaous tajasica</i>	-		X
		<i>Dormitator maculatus</i>	-	X	
		<i>Eleotris pisoni</i>	-	X	X

- **Herpetofauna**

Para estabelecer as bases de conhecimento atual da herpetofauna da Mata Atlântica faz-se necessário separar os grandes grupos: répteis e anfíbios.

Anfíbios

Os anfíbios são considerados os tetrápodos mais primitivos, porém apresentam um ciclo de vida complexo que envolve tanto o meio aquático quanto o terrestre na grande maioria de mais de 4500 espécies conhecidas. Essa característica é benéfica à medida que permite a utilização de diferentes habitats, mas por outro lado confere uma vulnerabilidade sem igual, já que se tornam suscetíveis a alterações no ambiente terrestre e aquático. Essa suscetibilidade torna os anfíbios bons indicadores de qualidade ambiental.

Além disso, a enorme diversidade de estratégias de reprodução, desenvolvimento, alimentação, comportamento, distribuição espacial e temporal e a grande produção de substâncias protetoras da pele dos anfíbios transforma sua preservação em ponto fundamental para a evolução e manutenção dos ecossistemas naturais.

O papel ecológico dos anfíbios na cadeia trófica também é de destaque, pois são predadores de diversos grupos de invertebrados e são presas básicas dos demais grupos de vertebrados, muitas vezes itens alimentares exclusivos para diversas espécies de serpentes e aves.

Os anfíbios apresentam uma das maiores taxas de descrição de novas espécies (HANKEN, 1999). É provável que algumas espécies tenham sido extintas ou estejam se extinguindo antes mesmo de sua descrição formal (HADDAD, 1998). As maiores taxas de endemismos para anfíbios da Mata Atlântica estão nas áreas de encostas. O declínio de populações e talvez até mesmo a extinção de algumas espécies no Brasil tem sido observado (HADDAD, 1998; HEYER *et al.*, 1988; WEYGOLDT, 1989), isso em função da Floresta Atlântica concentrar um grande número de espécies de hábitos especializados e, portanto, sensíveis às alterações ambientais. A vulnerabilidade de muitas espécies de anfíbios pode ser atribuída a diversos fatores como o alto grau de endemismo e modos reprodutivos especializados. É importante salientar que de 38 modos reprodutivos conhecidos, 25 estão presentes na Mata Atlântica (HADDAD, 1998).

A perda e fragmentação dos habitats são as principais responsáveis pelo declínio da maioria das espécies (BLAUNSTEIN, 1994; GARCIA & VINCIPROVA, 2003) no mundo todo. O Brasil com 731

espécies ([www.sur.iucn.org](http://www.sur.iucn.org), acessado em 07/12/2004) é o campeão de diversidade, representando cerca de 13% da diversidade mundial. Destas, 65% ocorrem em ecossistemas de Mata Atlântica e, de acordo com o nível atual de conhecimento, cerca de 24% das espécies de anuros são endêmicas de Mata Atlântica, ou seja, ocorrem em uma área restrita, como por exemplo, um segmento de serra ou município (HADDAD & ABE, 1999). Segundo Duellmann (1999), no Domínio da Mata Atlântica existem 22 gêneros endêmicos.

Muitas dessas espécies apresentam algum grau de ameaça, algumas já inclusas em listas oficiais estaduais (RJ - BERGALO *et al.*, 2000; RS – GARCIA & VINCIPROVA, 2003; PR – MIKICH & BÉRNILS, 2004; SP – SÃO PAULO, 1998; MG – FUNDAÇÃO BIODIVERSITAS, 1998) ou na Lista Oficial Nacional (IBAMA, 2003) e para pelo menos 30% das espécies de anfíbios não existem dados científicos suficientes para a definição correta do *status* populacional e de conservação.

Infelizmente nenhum dos Estados abrangidos pelo Empreendimento possui uma lista oficial de espécies ameaçadas. Para o Espírito Santo existe apenas uma lista não-oficial de espécies de interesse para a conservação onde constam 32 espécies consideradas endêmicas (IPEMA, 2004), dentre estas 2 são listadas pelo IBAMA (2003).

O conhecimento científico atual da riqueza de espécies de anuros baseia-se em levantamentos pontuais efetuados no Bioma Mata Atlântica (CARDOSO *et al.*, 1989, HEYER *et al.*, 1990; HADDAD & SAZIMA, 1992; IZECKSOHN & CARVALHO-E-SILVA, 2002; VAN SLUYS *et al.*, 2004). Este conhecimento apresenta níveis distintos nos Estados abrangidos por este estudo.

No Espírito Santo não há um estudo abrangente que reúna ou organize uma lista de espécies ou uma base de dados completa, algumas regiões foram bem estudadas (Linhares e Santa Tereza), porém em trabalhos centrados em descrições de espécies com poucos dados sobre as comunidades e aspectos ecológicos relacionados (HEYER, 1984; BASTOS & POMBAL, 1996; CRUZ, 1980; CRUZ & PEIXOTO, 1983, 1985, 1987; CRUZ, *et al.*, 1997). Logo se sabe que apresenta riqueza elevadíssima, mas de difícil quantificação e organização. Em uma visão rápida reunindo informações dispersas, pode-se chegar, facilmente a um número superior a 100 espécies registradas para o Estado e este número deve estar muito aquém do real.

A distribuição das espécies obedece a um modelo básico biogeográfico, onde ao sul do Rio Doce há um grupo de espécies em comum com a anfíbiofauna do Rio de Janeiro e a norte do Rio Doce uma grande similaridade com as comunidades do sul da Bahia. Em áreas serranas do Espírito Santo (acima

de 800m) os níveis de endemismos são altos, havendo espécies somente conhecidas da localidade-tipo (p.e. *Hyla weygoldti*).

A situação na Bahia é curiosa, pois após os estudos de Werner Bokermann na década de 60 e 70 (p.e. BOKERMANN, 1963, 1966, 1968, 1973, 1975...) as pesquisas com os anfíbios foram retomadas apenas no fim do século passado (JUNCA, *et al.*, 1999; DIXO, 2001; SILVANO & PIMENTA, 2003; CRUZ, *et al.*, 2003; FREITAS & SILVA, 2004).

Conforme uma compilação de Silvano & Pimenta (2003) com dados de coleções e de levantamentos de campo, há registro de 133 espécies de anfíbios para a Bahia, já Freitas & Silva (2004) apresentam uma lista de 151 espécies incluindo *taxa* ainda não descritas formalmente. Este último trabalho a título de ser um guia de identificação (Anfíbios na Bahia: Um Guia de Identificação) não é completo e apresenta alguns erros taxonômicos, porém é uma base de trabalho mínima de análise que permite uma visão atual do conhecimento.

A anfíbiofauna da região sul da Bahia é relativamente melhor conhecida onde ocorrem 115 espécies (SILVANO & PIMENTA, 2003), algumas espécies ocorrem somente na área de caatinga/cerrado baiana: *Rupirana cardosoi* e *Trachycephalus atlas*.

Reunindo estas listas, compilando os dados disponíveis no RAN (2002) e em FROST (2004 - Amphibian Species of the World: an Online Reference. Version 3.0 <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>) e relacionando o traçado proposto e a distribuição conhecida e potencial dos anfíbios, chega-se a um número expressivo de 135 espécies apresentadas na Tabela 5.131.

**Tabela 5.131- Fauna de anfíbios registrada na AID e AII do traçado proposto para o Cacimbas-Catu**

Família/espécie	Nome comum	Hábitat	Estrato	Ameaça	Trechos						
					1	2	3	4	5	6	Outros
<b>Caeciliidae</b>											
<i>Siphonops annulatus</i>	cobra-cega	AS	FO								BA, ES
<b>Hylidae</b>											
<i>Aparasphenodon brunoii</i>	perereca-cascuda	R	AR	En	b	b	b				
<i>Gastrotheca fissipes</i>	rã-marsupial	M	AR	En	b		b	b	b		BA,ES
<i>Hyla albomarginata</i>	perereca-verde	M	AR	En	b	b		a			

Família/espécie	Nome comum	Hábitat	Estrato	Ameaça	Trechos							
					1	2	3	4	5	6	Outros	
<i>Hyla albopunctata</i>	perereca	G	AR				b					
<i>Hyla anceps</i>	perereca	M	AR	En	a,b		b	b				
<i>Hyla atlantica</i>	perereca-pequena	M	AR	En			b		b		Itabuna	
<i>Hyla berthalutzae</i>	perereca	R	AR	En	b	b	b					
<i>Hyla bipunctata</i>	perereca	R	AR	En	b	b	b	b				
<i>Hyla branneri</i>	perereca-pequena	R	AR	En	b	b	b	b	b	b		
<i>Hyla cf. decipiens</i>	perereca-pequena	I	AR	En			b	b	b	b		
<i>Hyla circumdata</i>	perereca	M	AR					b	b			
<i>Hyla crepitans</i>	perereca	C	AR				b	b	b	b		
<i>Hyla elegans</i>	perereca-bonita	M	AR	En	a,b	b	b					
<i>Hyla faber</i>	rã-ferreiro	G	AR			b	a,b	b	b			
<i>Hyla haddadi</i>	perereca	M	AR	En	b	b					BA, ES	
<i>Hyla lucianae</i>	perereca	M	AR	En				b			Una	
<i>Hyla microps</i>	perereca	M	AR	En		a,b	b	b			BA	
<i>Hyla minuta</i>	perereca-pequena	G	AR		a,b	a,b	a,b	a	a	a		
<i>Hyla nana</i>	perereca	G	AR		b						BA	
<i>Hyla novaisi</i>	perereca	M	AR	En						b	BA	
<i>Hyla oliveirai</i>	perereca	M	AR	En						b	BA	
<i>Hyla ruschii</i>	perereca	I	AR	En	b	b						
<i>Hyla secedens</i>	perereca	I	AR	En							ES	
<i>Hyla semilineata</i>	perereca	R	AR				b	b	b			
<i>Hyla senicula</i>	perereca	I	AR	En		b	b	b				
<i>Hylomantis aspera</i>	rã	M	AR	En			b	b	b		Itabuna	
<i>Osteocephalus langsdorffii</i>	perereca-grande	M	AR	En	b		b	b				
<i>Phasmahyla exilis</i>	perereca-grande	M	AR	En	b	b	b	b			Jussari	
<i>Phasmahyla guttata</i>	perereca-grande	M	AR	En							ES	
<i>Phasmahyla jandaia</i>	perereca-grande	M	AR	En							BA	
<i>Phyllodytes brevirostris</i>	perereca-de-bromelia	R	AR	En							BA	
<i>Phyllodytes kautskyi</i>	perereca-de-	R	AR	En							ES	

Família/espécie	Nome comum	Hábitat	Estrato	Ameaça	Trechos						
					1	2	3	4	5	6	Outros
	bromelia										
	perereca-de-		AR	En			b	b	b		
<i>Phyllodytes luteolus</i>	bromelia	R									ES
	perereca-de-		AR	En			b	b	b		
<i>Phyllodytes melanomystax</i>	bromelia	M									BA
	perereca-de-		AR	En							
<i>Phyllodytes tuberculosus</i>	bromelia	M									BA
	perereca-macaca	M	AR	En		b	b				BA
<i>Phyllomedusa burmeisteri</i>	perereca-macaca	M	AR	En							BA
<i>Phyllomedusa vaillantii</i>	perereca-macaca	M	AR	En							BA
	perereca-leitera	M	AR				b		b	b	BA, ES
<i>Prhynoyas mesophae</i>	perereca-leitera	M	AR				b		b	b	BA, ES
<i>Scinax agilis</i>	raspa-cuia	R	AR	En			b				Prado
<i>Scinax alterus</i>	raspa-cuia	B	AR	En	b			b	b	a	
<i>Scinax arduous</i>	raspa-cuia	I	AR	En							ES
<i>Scinax argyreornatus</i>	raspa-cuia	B	AR	En			b				
<i>Scinax cuspidatus</i>	raspa-cuia	R	AR	En	b	b	b	a,b	b	b	
<i>Scinax eurydice</i>	raspa-cuia	B	AR	En				a	b	b	
<i>Scinax fuscovarius</i>	raspa-cuia	B	AR				b	b	b		
<i>Scinax x-signathus</i>	raspa-cuia	G	AR	En							ES
<i>Sphaenorhynchus bromelicola</i>	rã-verde	A						b			BA
<i>Sphaenorhynchus pauloalvini</i>	rã-verde	A									
<i>Sphaenorhynchus prasinus</i>	rã-verde	A			AQ	En		b			
<i>Sphaenorhynchus palustris</i>	rã-verde	A	AQ	En			b				BA
<i>Sphaenorhynchus planicola</i>	rã-verde	A	AQ	En				a			BA
<i>Trachycephalus atlas</i>	perereca-grande	C	AR								BA
<i>Trachycephalus nigromaculatus</i>	perereca-grande	R	AR	En	b						ES
<i>Xenohyla eugenioi</i>	perereca-da-	R	AR	En							BA

Família/espécie	Nome comum	Hábitat	Estrato	Ameaça	Trechos						
					1	2	3	4	5	6	Outros
	restinga										
<b>Centrolenidae</b>											
<i>Hyalinobatrachium eurygnathum</i>	rã-de-vidro	M	AR	En		a,b	a				Itapebi
<b>Brachycephalidae</b>											
<i>Brachycephalus ephippium</i>	botão-de-ouro	M	FL	En							BA, ES
<b>Leptodactylidae</b>											
<i>Adelophryne pachydactyla</i>	rã-de-bromélia	R	AR/FL	En	b	b					BA
<i>Ceratophrys aurita</i>	intanha-grande	M	FO/SA	En		b					BA
<i>Crossodactylodes bokermanni</i>	rã-dágua	M	SA	En							ES
<i>Crossodactylodes izecksohni</i>	rã-dágua	M	SA	En							ES
<i>Crossodactylodes pintoii</i>	rã-dágua	M	AQ	En							ES
<i>Crossodactylus lutzorum</i>	rã-dágua	M	AQ	En							BA
<i>Cycloramphus fuliginosus</i>	rã	M	AQ	En							ES
<i>Cycloramphus migueli</i>	rã	I	I								BA
<i>Eleutherodactylus oesus</i>	rã-de-folhíço	M	FL	En							ES,BA
<i>Eleutherodactylus bilineatus</i>	rã-de-folhíço	M	FL	En			b	b	b		
<i>Eleutherodactylus binotatus</i>	rã-de-folhíço	M	FL	En	b	b	b	a,b	b	b	
<i>Eleutherodactylus epipedus</i>	rã-de-folhíço	M	FL	En							ES
<i>Eleutherodactylus guentheri</i>	rã-de-folhíço	M	FL	En							ES, BA
<i>Eleutherodactylus nasutus</i>	rã-de-folhíço	M	FL	En							ES
<i>Eleutherodactylus paulodutraii</i>	rã-de-folhíço	M	FL	En			b	b	b		



Família/espécie	Nome comum	Hábitat	Estrato	Ameaça	Trechos							
					1	2	3	4	5	6	Outros	
<i>Eleutherodactylus ramagii</i>	rã-de-folhiço	M	FL	En				a				BA
<i>Eleutherodactylus vinhai</i>	rã-de-folhiço	M	FL	En			b	a,b	b			
<i>Euparkerella robusta</i>	rã	M	I	En								ES
<i>Euparkerella tridactyla</i>	rã	M	I	En								ES
<i>Hylodes babax</i>	rã	M	AQ	En								ES
<i>Hylodes lateristrigatus</i>	rã	M	AQ	En								ES
<i>Leptodactylus fuscus</i>	caçote	C	SA				b	b				BA,ES
<i>Leptodactylus gracilis</i>	rã	C	SA									BA
<i>Leptodactylus labyrinthicus</i>	rã-pimenta	G	SA									BA
<i>Leptodactylus latinasus</i>	caçote	G	SA									BA
<i>Leptodactylus mystacinus</i>	rã-de-bigode	G	SA				b	b				
<i>Leptodactylus macrosternum</i>	caçote	M	SA						b	b		
<i>Leptodactylus natalensis</i>	caçote	G	SA	En			b					
<i>Leptodactylus notoaktites</i>	rã	G	SA									BA
<i>Leptodactylus ocellatus</i>	caçote	G	SA			b	a,b	b	b	a,b	b	
<i>Leptodactylus pentadactylus</i>	rã	G	SA									BA
<i>Leptodactylus spixii</i>	caçote	G	SA	En			a	b				
<i>Leptodactylus troglodytes</i>	rã	M	SA									BA
<i>Leptodactylus viridis</i>	caçote	M	SA	En								Itajibá
<i>Macrogeniaglottus alipioi</i>	rã-colorida	M	FL	En								BA
<i>Odontophrynus carvalhoi</i>	sapo	C	SA									BA
												Caravel
<i>Physalaemus aguirrei</i>	rãzinha	M	SA	En	b	b	b					as
<i>Physalaemus cicada</i>	rãzinha	M	SA									BA
<i>Physalaemus crombiei</i>	rãzinha	M	SA									ES, BA
<i>Physalaemus cuvieri</i>	rã-cachorro	G	SA			a	a,b	a,b	a,b	a,b		
<i>Physalaemus kroyeri</i>	rãzinha	C	SA									BA

Família/espécie	Nome comum	Hábitat	Estrato	Ameaça	Trechos						
					1	2	3	4	5	6	Outros
<i>Physalaemus nattereri</i>	rãzinha	C	SA								ES
<i>Physalaemus obtectus</i>	rãzinha	M	SA								ES
<i>Physalaemus olfersii</i>	rãzinha	M	SA	En							ES,BA
<i>Physalaemus signifer</i>	rãzinha	M	SA	En			b	b	b		
<i>Pleurodema diplolistris</i>	rã-temporária	C	SA								BA
				En			b				Itamara
<i>Proceratophrys boiei</i>	sapo-de-chifre	M	FL/SA								ju
<i>Proceratophrys cristiceps</i>	sapo-de-chifre	M	FL/SA	En							BA
<i>Proceratophrys laticeps</i>	sapo-de-chifre	M	FL/SA	En						b	BA,ES
<i>Proceratophrys moehringi</i>	sapo-de-chifre	M	FL/SA	En							ES
<i>Proceratophrys</i>			FL/SA	En							ES
<i>phyllostomus</i>	sapo-de-chifre	M									ES
<i>Proceratophrys</i>			FL/SA	En							ES
<i>precrenulata</i>	sapo-de-chifre	M									ES
<i>Proceratophrys schirchi</i>	sapo-de-chifre	M	FL/SA	En			b	b	b		Itapebi
<i>Pseudopaludicola</i>											
<i>mystacalis</i>	rã-de-charco	C	SA								ES
<i>Thoropa miliaris</i>	rã-das-pedras	M	SA	En			b	b			Itapebi
<i>Zachaenus carvalhoi</i>		M	FL	En							ES
<b>Bufonidae</b>											
<i>Bufo crucifer</i>	sapo-da-mata	M	SA	En			b	b	a		
<i>Bufo granulosus</i>	sapo-de-verrugas	C	SA				a	a,b			
<i>Bufo ictericus</i>	sapo-cururu	G	SA								ES, BA
<i>Bufo margaritifera</i>	sapo-folha	M	FL/SA	En			b	b	b		
<i>Bufo pygmaeus</i>		R	SA	En							ES
<i>Frostius</i> sp.		M	FL	En						b	b
<i>Bufo</i>			SA				a	a,b	b	b	a
<i>schneider=paracnemis</i>	sapo-cururu	G									
<b>Microhylidae</b>											
<i>Arcovomer cf. passarelli</i>	rã	M	FL	En							ES

Família/espécie	Nome comum	Hábitat	Estrato	Ameaça	Trechos						
					1	2	3	4	5	6	Outros
<i>Chiasmocleis crucis</i>	sapo-preto	M	FL	En					b		
<i>Chiasmocleis cordeiroi</i>	sapo-preto	M	FL	En					b		
<i>Chiasmocleis capixaba</i>	sapo-preto	M	FL	En					b		ES, BA
<i>Chiasmocleis carvalhoi</i>	sapo-preto	M	FL	En							Una
<i>Chiasmocleis schubarti</i>	sapo-preto	M	FL	En			b				BA
<i>Dasypops schirchi</i>	rã	M	FL	En							ES
<i>Dermatonotus muelleri</i>	sapo-manteiga	M	FL	En							ES, BA
<i>Hyophryne histrio</i>	sapo-amarelo	M	FL	En							BA
<i>Myersiella microps</i>	rã	M	FL	En							BA
<i>Stereocyclops incrassatus</i>	sapo-de-chuva	M	FL	En							BA
<b>Dendrobatidae</b>											
<i>Colostethus capixaba</i>	sapo-de-folhiço	M	FL	En			b		b		BA
<i>Colostethus carioca</i>	sapo-de-folhiço	M	FL	Em							ES
<b>Pipidae</b>											
<i>Pipa carvalhoi</i>	sapo-pipa	A	AQ				b		b		
<b>Pseudidae</b>											
<i>Pseudis bolbodactyla</i>	rã	A	AQ				b		a		ES, BA

Legenda: Hábitat (M = mata, R= restinga, C = campo/áreas abertas, A = aquático, B = borda, G = generalista, I= indeterminado), Estrato de Ocorrência (FO= fossorial, FL = folhiço/chão da mata, AR= arborícola, SA = semi-aquático, AQ =aquático), Ameaças (1 = nacional, segundo IBAMA 2003; En = espécie endêmica da Mata Atlântica); Trechos (1 = Terminal Cacimbas (Linhares- 0km) até o Rio Preto do Sul (São Mateus - 78km), 2 = Rio Preto do Sul até o Rio Mucuri (Mucuri - 171km), 3 = Rio Mucuri até o Rio Jequitinhonha (Itapebi - 430km), 4 = Rio Jequitinhonha até o Rio de Contas (Itagibá - 662km), 5 = Rio de Contas até o Rio Jequiriça (Jaguaripe - 791km) e 6 = Rio Jequiriça até o Terminal Santiago (Pojuca - 941km); BA=Bahia, ES=Espírito Santo; a=registro direto, b=bibliografia

### Répteis

É um grupo que apresenta formas bastante diversificadas: crocodilos e jacarés (Crocodylia), tartarugas e cágados (Testudines), lagartos e anfisbenas (Lacertilia) e as serpentes (Ophidia) e que, aparentemente, é parafilético (ZUG *et al.*, 2001), -crocodilianos estão mais relacionados às aves do que aos demais.

A grande diversidade de répteis determina conseqüentemente uma grande variedade de comportamentos, uma ocupação espacial também diversificada e um ampla distribuição geográfica. Existem animais de hábitos noturnos, diurnos e crepusculares, assim como associados a áreas abertas e essencialmente, florestais.

Os répteis são animais ectotérmicos, incapazes de manter uma temperatura corporal constante por mecanismos fisiológicos intrínsecos. Desta forma, a temperatura corporal desses animais sofre grande influência da temperatura ambiental, sendo um fator que determina os ritmos de atividade diária e sazonal. Como os fatores climáticos também contribuem na formação e distribuição das tipologias e formações vegetais, as taxocenoses de répteis apresentam grande associação a esses. Alterações ambientais, principalmente às relacionadas ao desmatamento e conversão em áreas agrícolas, refletem-se na composição e abundância das populações resultando em comunidades pouco diversas, dominadas por espécies generalistas.

São conhecidas cerca de 8100 espécies de répteis no mundo e 1560 na América do Sul (<http://www.embl-heidelberg.de/~uetz/db-info/SpeciesStat.html>, acessado em 08/12/2004). A riqueza de espécies da Mata Atlântica, para a qual são registradas mais de 200 espécies (36 % da fauna de répteis brasileira e 60 espécies endêmicas), é considerada alta (SABINO & PRADO, 2000).

São conhecidas várias espécies endêmicas ou com distribuição marcante na região da Mata Atlântica. Diversos gêneros e espécies de lagartos *Enyalius*, *Anisolepis grilli* (Polychrothidae), *Tropidurus strobilurus*, *Liolaemus lutzae* (Tropiduridae) e *Placosoma glabelum* (Gymnophthalmidae) são endêmicos da Mata Atlântica (ROCHA, 1998; RODRIGUES, 1990). Algumas serpentes também são endêmicas da Mata Atlântica, como *Bothrops fonsecai*, *B. insularis*, *B. jararacussu*, *B. leucurus*, *B. pradoi* (Viperidae), *Chironius laevicolis*, *Dipsas neivai* (Colubridae), *Micrurus corallinus* (Elapidae) e *Corallus cropanii* (Boidae), entre outras.

O grande risco para a maioria das espécies, em especial as de ocorrência restrita, deve-se à progressiva destruição do habitat. Segundo Haddad & Abe (1998) embora o endemismo em répteis não seja tão restritivo como no caso dos anfíbios, ainda assim a situação de muitas espécies não é nada confortável. Mesmo espécies que apresentavam ampla distribuição ao longo da Mata Atlântica podem estar restritas atualmente em função da interferência humana. Como exemplo podemos citar o caso da surucucu-pico-de-jaca (*Lachesis muta rhombeata*), que originalmente ocorria das costas do nordeste até o Rio de Janeiro e que hoje está restrita a poucas localidades. Espécies encontradas em locais de

maiores altitudes, como *Bothrops fonsecai*, *Clelia montana*, *Ptychophis flavovirgatus* também podem ser consideradas como em situação crítica (MARQUES *et al.*, 1998).

As últimas compilações dão conta de que ocorrem entre 465 espécies (HADDAD e ABE, 1999) e 617 espécies (RAN, 2002) de répteis no Brasil. Esses números discrepantes ainda estão longe de serem definitivos, visto que ainda existem grupos com taxonomia mal resolvida e muitos *taxa* sendo descritos a cada ano (em média 10-15 espécies ao ano).

O grau de conhecimento da ecologia de populações e comunidades de répteis é bastante insipiente para a Mata Atlântica, excetuando iniciativas pontuais (ROCHA *et al.*, 2004; ROCHA *et al.*, 2000; FREIRE, 1996; SAZIMA & HADDAD, 1992; ROCHA & BERGALLO, 1997). Em especial para algumas espécies de lagartos, já existem pesquisas aprofundadas (HATANO *et al.*, 2001), como o gênero *Tropidurus* (RODRIGUES, 1987; VAN SLUYS *et al.*, 1997; BERGALLO & ROCHA, 1994; TEIXEIRA & GIOVANELLI, 1999), como *Cnemidophorus littoralis* (TEIXEIRA-FILHO, *et al.*, 2003) ou *Gymnodactylus darwinii* (TEIXEIRA, 2002).

Para a Bahia, a área de Mata Atlântica não é bem conhecida, os trabalhos mais intensos foram na região do Rio São Francisco (RODRIGUES, 1991; 1992; 1993, 1996) e na região oeste do Estado (Caatinga/Cerrado) com os trabalhos de Vanzolini *et al.* (1980) e Vitt (1995). Freitas (1999) apresenta uma síntese das serpentes da Bahia com 83 espécies citadas, incluindo a distribuição dos registros.

Especificamente para o Espírito Santo não há trabalhos remissivos, mas reunindo as informações disponíveis no RAN (IBAMA, 2002) e na EMLB (2004- <http://www.embl-heidelberg.de/~uetz/LivingReptiles.html>) para a região do Empreendimento, devem ocorrer 151 espécies conforme apresentado no Tabela 5.132.

**Tabela 5.132- Fauna de répteis registrada na AID e AII do traçado proposto para o Cacimbas-Catu**

Família/espécie	Nome comum	Alimento	Hábitat	Estrato	Ameaça	Trechos						
						1	2	3	4	5	6	Outros
<b>Chelidae</b>												
<i>Hydromedusa maximiliani</i>	tartaruga	PE	AQ	AQ	En	b						ES
		PE							b,			
<i>Acantochelys radiolata</i>	Cágado		AQ	AQ		b	b		a			BA
<i>Phrynops geoffroanus</i>	cágado-de-	PE	AQ	AQ			b					BA

Família/espécie	Nome comum	Alimento	Hábitat	Estrato	Ameaça	Trechos										
						1	2	3	4	5	6	Outros				
	barbicha															
<i>Phrynops hoguei</i>	Tartaruga	PE	AQ	AQ	En, 1											ES
<b>Cheloniidae</b>																
<i>Caretta caretta</i>	cabeçuda	PE/IN	AQ	MA	1	b										BA,ES
<i>Chelonia mydas</i>	tartaruga-verde	IN/HB	AQ	MA	1	b										BA,ES
<i>Eretmochelys imbricata</i>	tartaruga-de-pente	IN/HB	AQ	MA	1	b										BA,ES
<i>Lepidochelys olivacea</i>	tartaruga-oliva	IN/HB	AQ	MA	1	b										BA,ES
<b>Dermochelyidae</b>																
<i>Dermochelys coriacea</i>	tartaruga-de-couro	IN	AQ	MA	1	b										ES
<b>Testudinidae</b>																
<i>Geochelone carbonaria</i>	Jabuti	HB	AQ	TR												BA
<i>Geochelone denticulata</i>	Jabuti	HB	M	TR	En											BA
<b>Viperidae</b>																
<i>Bothrops jararaca</i>	Jararaca	AN/RO	M	TR	En	b	b	b								
<i>Bothrops leucurus</i>	Jararaca	RO	C	TR	En			b	b	b						
<i>Bothrops jararacussu</i>	Jararacussu	RO	M	TR												BA
<i>Bothrops bilineata</i>	Jararaca-verde	VT	M	TR				b	b	b						
<i>Bothrops erythromelas</i>		VT	M	TR										b		BA
<i>Bothrops neuwiedi</i>	Jararaca-pintada	RO	G	TR		b										BA
<i>Crotalus durissus</i>	Cascavel	RO	C	TR										b		BA
	Surucucu-pico-	VT						a,								
<i>Lachesis muta</i>	de-jaca		M	TR	En,1	b	b	b	b	b	b					
<b>Colubridae</b>																
<i>Atractus guentheri</i>		IN	G	FO												BA
<i>Atractus potschi</i>		IN	G	FO												b
<i>Chironius laevicollis</i>	Espia-caminho	AN	M	AR/TR	En			b								
<i>Chironius bicarinatus</i>	Cobra-cipó	AN	M	AR/TR		b										BA
<i>Chironius exoletus</i>		AN	M	AR/TR												b
<i>Chironius flavolineatus</i>		AN	M	AR/TR												b
<i>Chironius quadricarinatus</i>		AN	M	AR/TR												BA
<i>Chironius carinatus</i>		AN	M	AR/TR												b
<i>Chironius multiventris</i>		AN	M	AR/TR												b

Família/espécie	Nome comum	Alimento	Hábitat	Estrato	Ameaça	Trechos							
						1	2	3	4	5	6	Outros	
<i>Chironius fuscus</i>	Cobra-cipó	AN	M	AR/TR								b	
<i>Clelia clelia</i>	muçurana	VT	G	TR				b	b			b	
<i>Clelia occipitolutea</i>		VT	G	TR								b	
<i>Atractus maculatus</i>	Cobra-da-terra	IN	G	FO									BA
<i>Dipsas neivai</i>		IN	M	AR				b					
<i>Dipsas incerta</i>	Come-lesma	IN	M	AR					b				
<i>Drymarchon c. corais</i>		VT	G	AR/TR				b		b	b		
	Corredeira-do-	AN											BA
<i>Echinanthera affinis</i>	mato		M	TR									
<i>Echinanthera occipitalis</i>		AN	M	TR								b	
<i>Elapomorphus lepidus</i>		AN	C	FO									BA
<i>Elapomorphus wechereri</i>	Cabeça-preta	AN	C	FO						b			
<i>Erythrolamprus aesculapii</i>	Falsa-coral	VT	C	FO								b	
<i>Helicops angulatus</i>	Cobra-d'água	PE/AN	G	AQ									BA
<i>Helicops leopardinus</i>		PE/AN	G	AQ								b	BA
<i>Liophis almadensis</i>		PE/AN	G	SA						b	b		
<i>Liophis anomalus</i>		AN	G	SA									BA
<i>Liophis cobellus</i>		AN	G	SA				b		b			
<i>Liophis lineatus</i>		AN	G	SA									BA
<i>Liophis intermedius</i>		AN	G	SA								b	
<i>Liophis frenatus</i>		AN	G	SA									BA
<i>Liophis viridis</i>		AN	G	SA						b	b		
<i>Liophis paucidens</i>		AN	G	SA									BA
<i>Liophis mariahellenae</i>		AN	G	SA					a				BA
<i>Liophis jaegeri</i>	Cobra-verde	AN	G	SA									BA
<i>Liophis miliaris</i>	Cobra-lisa	AN	G	SA		a	a	b				b	
<i>Liophis poecilogyrus</i>	Taquinha	AN	G	AS								b	
<i>Liophis reginae</i>	Jabotibóia	AN	G	SA						b	b		
<i>Liophis typhlus</i>	Cobra-de-capim	AN	G	TR									BA
<i>Leptodeira annulata</i>		IN	M	AR				b				b	
<i>Psamophis joberti</i>		VT	C	TR								b	
<i>Mastigodryas bifossatus</i>	Jararacuçu-do-	AN	C	AS				b	b		b	b	

Família/espécie	Nome comum	Alimento	Hábitat	Estrato	Ameaça	Trechos										
						1	2	3	4	5	6	Outros				
	brejo															
<i>Oxybelis aeneus</i>	bicuda	AN	R/M	AR				b				b				
<i>Oxyrhopus petola</i>	Falsa-coral	VT	M	TR					b	b	b					
<i>Oxyrhopus guibei</i>		VT	M	TR												BA
<i>Oxyrhopus rhombifer</i>	Falsa-coral	VT	C	TR												BA
<i>Oxyrhopus formossus</i>		VT	M	TR												BA
<i>Pseudoboa nigra</i>		VT	M	TR					b			b				
<i>Oxyrhopus trigeminus</i>	Falsa-coral	VT	C	TR									b			
<i>Pseutes sulphureus</i>		VT	M	AR/TR					b							
<i>Philodryas olfersii</i>	Cobra-verde	VT	M	AR/TR		a		b				b				
<i>Philodryas nattereri</i>		VT	M	AR/TR									b			
<i>Philodryas aestivus</i>		VT	M	AR/TR						a						BA
<i>Philodryas viridissimus</i>		VT	M	AR/TR												BA
<i>Philodryas patagoniensis</i>	parlheira	VT	G	TR									b			
<i>Pimophis guerini</i>		VT	G	TR										b		
<i>Simophis rhynostoma</i>		VT	G	TR												BA
<i>Sibynomorphis neuwiedi</i>	Dormideira	IN	G	TR					b		b	b				
<i>Siphlophis compressus</i>	Dormideirra	AN	M	AR												BA
<i>Siphlophis pulcher</i>	Dormideirra	AN	M	AR												BA
<i>Spilotes pullatus</i>	Caninana	VT	M	AR					b	b		b				
<i>Thamnodynastes pallidus</i>		VT	G	TR								b	b			
<i>Thamnodynastes strigilis</i>		VT	G	TR										b		
<i>Tantila melanocephala</i>		VT	G	TR/FO								b	b			
<i>Apostolepis cearensis</i>		IN	C	FO											b	
<i>Tropidodryas serra</i>	Jiboinha-rosada	VT	M	AR							b					
	Jararaca-das-	VT														BA
<i>Tropidodryas striaticeps</i>	arvores		M	AR												
<i>Uromacerina ricardinii</i>	Bicuda	AN	M	AR												
<i>Xenodon rhabdocephalus</i>		AN	M	TR							b					
<i>Waglerophis merremii</i>		AN	G	SA		b	b	b					b			
<i>Xenodon neuwiedi</i>		AN	M	TR												BA

**Elapidae**



Família/espécie	Nome comum	Alimento	Hábitat	Estrato	Ameaça	Trechos										
						1	2	3	4	5	6	Outros				
<i>Micrurus frontalis</i>		VT	G	TR												BA
<i>Micrurus lemniscatus</i>		VT	G	TR					b	b						
<i>Micrurus ibiboboca</i>		VT	M	TR												b
<i>Micrurus corallinus</i>	Ibiboboca	VT	G	TR	En		b	b	b							b
<b>Gymnophthalmidae</b>																
<i>Micrablepharus cf. maximiliani</i>		AR		M/R	TR	En		b	b							
<i>Anotosaura collaris</i>		AR	C	TR												BA
<i>Bachia bressiaui</i>		AR	C	TR												BA
<i>Calyptommatus leiolepis</i>		AR	C	TR												BA
<i>Calyptommatus nicterus</i>		AR	C	TR												BA
<i>Calyptommatus sinebrachiatus</i>		AR														BA
<i>Colobosaura mentalis</i>		AR	C	TR												BA
<i>Colobosaura modesta</i>		AR	C	TR												BA
<i>Colobosauroides carvalhoi</i>		AR														BA
<i>Leposoma nanodactylus</i>		AR	C	TR												BA
<i>Nothobachia ablephara</i>		AR	C	TR												BA
<i>Procellosaurinus erythrocerus</i>		AR														BA
<i>Procellosaurinus tetradactylus</i>		AR														BA
<i>Vanzosaura rubricauda</i>		AR	C	TR												BA
<b>Scincidae</b>																
<i>Mabuya agilis</i>		AR	R	TR	En		b									ES
<i>Mabuya macrorhyncha</i>		AR	M/R	TR	En		a									ES
<i>Mabuya heathi</i>		AR	M/R	TR												BA
<b>Polychrothidae</b>																
<i>Polychrus acutirostris</i>		AR	M	AR												BA
<i>Anolis williamsii</i>		AR	M	AR												BA
<i>Anolis punctatus</i>		AR	M	AR	En											BA,ES

Família/espécie	Nome comum	Alimento	Hábitat	Estrato	Ameaça	Trechos							
						1	2	3	4	5	6	Outros	
<i>Enyalis bibronii</i>	iguaninha	AR	M	AR									ES,BA
<i>Enyalis pictus</i>		AR	M	AR									BA
<i>Enyalis perditus</i>	iguaninha	AR	M	AR									ES
<b>Teiidae</b>													
	Lagartixa-de-	AR											BA
<i>Cnemidophorus abaetensis</i>	Abaeté		R	TR	En, 1								BA
<i>Cnemidophorus nativo</i>		AR	R	TR	En,1	b							ES,BA
<i>Cnemidophorus ocellifer</i>	calango	AR	R	TR			b						BA
<i>Kentropyx striatus</i>		OV	M	TR	En								BA
<i>Ameiva ameiva</i>	Bico-doce	OV	G	TR				a	a	a			ES,BA
<i>Tupinambis teguixin</i>	Teiú	OV	G	TR		a	a	a	a	a	a		BA
<b>Iguanidae</b>													
<i>Iguana iguana</i>	iguana	HB	G	AR									BA,ES
<b>Amphisbaenidae</b>													
<i>Amphisbaena vermicularis</i>		IN	G	FO									BA
<i>Amphisbaena cf. nigricauda</i>		IN			En								ES
	Cobra-cega-	IN											ES
<i>Amphisbaena prunicolor</i>	marrom		G	FO									ES
<i>Leposternum octostegum</i>		IN	G	FO									BA
<i>Leposternum infraorbitale</i>		IN	G	FO									ES,BA
<i>Leposternum polystegum</i>		IN	R	FO									BA
<i>Leposternum wuchereri</i>		IN	G	FO									ES,BA
<b>Boidae</b>													
<i>Epicrates cenchria</i>	salamanta	VT	AQ	AQ	En			b	b				b
<i>Boa constrictor</i>	jibóia	VT	AQ	AQ				b	b				b
<i>Corallus hortulanus</i>	Cobra-de-veado	VT	M	AR				b	b				b
<i>Eunectes murinus</i>	sucuri	VT	AQ	AQ				b					b
<b>Anomalepididae</b>													
<i>Liotyphops beui</i>	Cobra-cega	IN	G	FO									BA
<b>Anguidae</b>													
<i>Ophiodes striatus</i>	Cobra-de-vidro-	IN	G	TR									BA,ES

Família/espécie	Nome comum	Alimento	Hábitat	Estrato	Ameaça	Trechos								
						1	2	3	4	5	6	Outros		
	verde													
<b>Typhlopidae</b>														
<i>Typhlops yonenagae</i>		IN	G	FO										BA
	Cobra-cega-	IN											b	
<i>Typhlops brongersmianus</i>	marrom		G	FO										
<b>Leptotyphlopidae</b>														
<i>Leptotyphlops brasiliensis</i>		IN	G	FO										BA
<b>Tropiduridae</b>														
<i>Tropidurus hispidus</i>	calango	AR	G	TR										BA
<i>Tropidurus</i>		AR												BA
<i>crythrocephalus</i>			G	TR										BA
<i>Tropidurus divaricatus</i>		AR	G	TR										BA
<i>Tropidurus amanthites</i>		AR	G	TR										BA
<i>Tropidurus strobilurus</i>		AR	G	AR										BA
<i>Tropidurus torquatus</i>	calango	AR	G	TR		a	a	a	a	a	a	a	a	ES,BA
<b>Gekkonidae</b>														
<i>Briba brasiliana</i>		AR	G	AR										
<i>Coleodactylus</i>		AR												
<i>meridionalis</i>			G	AR										
<i>Phyllopezus pollicaris</i>		AR	G	AR								b		BA
<i>Gymnodactylus darwinii</i>		AR	G	AR		b								BA,ES
<i>Gymnodactylus geckoides</i>		AR	G	AR										BA,ES
	Lagartixa-das-	AR				a	a	a	a	a	a			
<i>Hemidactylus mabouia</i>	paredes		G	AR										BA,ES
<b>Alligatoridae</b>														
	Jacaré-do-papo-	VT										b	b	
<i>Caiman latirostris</i>	amarelo		AQ	AQ										ES,BA

Legenda: Alimento (HB= herbívora, OV= omnívora, AR= artrópodes, PE= peixes, AN = anfíbios, RO= roedores, VT= vertebrados em geral, IN= invertebrados em geral) Hábitat (M = mata, R= restinga, C = campo/áreas abertas, A = aquático, B = borda, G = generalista, I= indeterminado), Estrato de Ocorrência (FO = fossorial, AR= arbórea, TR= terrestre, SA = semi-aquático, AQ = aquático), Status (En = espécie endêmica da Mata Atlântica, 1= nacional, segundo IBAMA 2003); Trechos (1 = Terminal Cacimbas (Linhares- 0km) até o Rio Preto do Sul (São Mateus - 78km), 2 = Rio Preto do Sul até o Rio Mucuri (Mucuri - 171km), 3 = Rio Mucuri até o Rio Jequitinhonha (Itapebi - 430km), 4 = Rio Jequitinhonha até o Rio

de Contas (Itagibá - 662km), 5 = Rio de Contas até o Rio Jequiçá (Jaguaripe - 791km) e 6 = Rio Jequiçá até o Terminal Santiago (Pojuca - 941km); BA=Bahia, ES=Espírito Santo; a=registro direto, b=bibliografia

- **Avifauna**

Conforme Sick (1997), os Estados do Espírito Santo e da Bahia juntos, têm cerca de 740 espécies de aves. Dados do trabalho de Cordeiro (2003) informam que existem cerca de 682 espécies de aves presentes no bioma Mata Atlântica. De acordo com os dados bibliográficos e de campo foram registradas 357 espécies para a área de influência do Gasoduto Cacimbas-Catu (Tabela 5.133). A foto 5.149 mostra um filhote de quero-quero *Vanellus chilensis*, registrado em todas as regiões amostradas. De acordo com Scott e Brooke (1985), foram registradas 259 espécies de aves para a Reserva Biológica de Sooretama, área de conservação próxima ao Empreendimento. Durante os trabalhos do diagnóstico ambiental na área da APA Lago Pedra do Cavalo, foram constatadas 195 espécies de aves, baseados em avistamentos, entrevistas, capturas e registros bibliográficos. Os dados do Instituto de Pesquisas da Mata Atlântica (IPEMA) e da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI, 2003) informam que no Espírito Santo e na Bahia existem, respectivamente, 45 e 55 espécies ameaçadas de extinção (IPEMA, 2004; SEI, 2003). Segundo a Conservation International do Brasil *et al.* (2000) o Estado da Bahia, possivelmente, seja, em termos de ornitologia, o mais complexo e diversificado dos Estados brasileiros extra-amazônicos. De acordo com Cordeiro (2003) baseado na riqueza, endemismos e espécies ameaçadas, as áreas mais importantes do sul da Bahia, do ponto de vista ornitológico, estão dispostas ao longo dos tabuleiros do extremo sul e da região de Una, devido à extrema riqueza de espécies registradas. Os dados de Goerck (1997) consideram que cerca de 68 % das espécies de Mata Atlântica são consideradas raras.



Foto 5.149- Filhote de quero-quero *Vanellus chilensis*. Foto BOURSCHEID

Conforme os resultados combinados das expedições de campo com as referências bibliográficas utilizadas, foram registradas 36 espécies ameaçadas (o jaó-do-sul *Crypturellus noctivagus*, o urubu-rei *Sarcoramphus papa*, o gavião-pomba *Leucopternis lacernulata*, a jacucaca *Penelope jacucaca*, a pomba-trocal *Columba speciosa*, o maracanã-do-buriti *Propyrrhura maracana*, a jandaia-de-testa-vermelha *Aratinga auricapilla*, o fura-mato *Pyrrhura cruentata*, a tiriba-de-orelha-branca *Pyrrhura leucotis*, o chauá *Amazona rhodocorytha*, o papagaio-moleiro *Amazona farinosa*, o beija-flor-da-costa-violeta *Thalurania watertonii*, o bico-de-brasa-de-testa-branca *Monasa morphoeus*, o urubuzinho *Chelidoptera tenebrosa*, o araçari-de-bico-branco *Pteroglossus aracari*, a choquinha-de-peito-pintado *Dysithamnus stictothorax*, a choquinha-chumbo *Dysithamnus plumbeus*, a choquinha-de-rabo-cintado *Myrmotherula urosticta*, o chororozinho-de-papo-preto *Herpsilochmus pectoralis*, a papa-taoca-da-bahia *Pyriglena atra*, o tovacuçu *Grallaria varia*, o acrobata *Acrobatornis fonsecai*, o arapaçu-de-bico-branco *Xiphorhynchus picus*, o cabeça-encarnada *Pipra rubrocapilla*, o cabeça-branca *Pipra pipra*, o sabiá-pimenta *Carpornis melanocephalus*, o crejoá *Cotinga maculata*, o anambé-de-asa-branca *Xipholena atropurpurea*, a araponga *Procnias nudicollis*, o bico-assovelado *Ramphocaenus melanurus*, o sabiá-da-praia *Mimus gilvus*, a saíra-de-bando *Tangara mexicana*, a saíra-diamante *Tangara velia*, o saí-verde *Chlorophanes spiza*, o curió *Oryzoborus angolensis* e o azulão *Passerina brissonii*) para a área de influência do Empreendimento segundo IUCN (2003), IBAMA (2003) e Alves *et al.* (2000). As principais ameaças para as espécies citadas em listas ameaças foram: a destruição do hábitat natural (a principal causa), coleta e comércio de indivíduos, declínio populacional, caça, populações isoladas e/ou pequenas e por possuir área de distribuição restrita. Conforme Cordeiro (2003) as áreas do norte do Espírito Santo e do extremo sul da Bahia foram desmatadas durante muitos anos e isso acarretou a diminuição do tamanho e menos áreas florestais disponíveis para a avifauna, além de dificultar o deslocamento de determinadas espécies entre os remanescentes existentes. Esse fato corrobora a idéia de evitar ao máximo a passagem do duto por locais onde ocorram fragmentos de floresta, especialmente nos grandes fragmentos. A foto 5.150 ilustra o sabiá-da-praia *Mimus gilvus*, espécie ameaçada que ocorre na região estudada.



Foto 5.150- O sabiá-da-praia *Mimus gilvus*. Fonte: [www.frigoletto.com.br](http://www.frigoletto.com.br).

A partir dos dados relativos aos trabalhos de campo e aos registros bibliográficos, foram registradas 38 espécies endêmicas (o jaó-do-sul *Crypturellus noctivagus*, o gavião-pomba *Leucopternis lacernulata*, a aracuã-de-barriga-branca *Ortalis araucuan*, a jacucaca *Penelope jacucaca*, o fura-mato *Pyrrhura cruentata*, o periquito-rico *Brotogeris tirica*, o chauá *Amazona rhodocorytha*, o rabo-branco-de-caudalarga *Phaethornis gounellei*, o beija-flor-da-costa-violeta *Thalurania watertonii*, o beija-flor-rubi *Clytolaema rubricauda*, o rapazinho-dos-velhos *Nystalus maculatus*, o João-barbudo *Malacoptila striata*, o pica-pau-anão-pintalgado *Picumnus pygmaeus*, a choquinha-chumbo *Dysithamnus plumbeus*, a choquinha-de-rabo-cintado *Myrmotherula urosticta*, o chorozinho-de-papo-preto *Herpsilochmus pectoralis*, a trovoada *Drymophila ferruginea*, o pintadinho *Drymophila squamata*, o cuspidor-de-máscara-preta *Conopophaga melanops*, a papa-taoca-da-bahia *Pyriglena atra*, o casaca-de-couro-da-lama *Furnarius figulus*, o João-de-cabeça-cinza *Cranioleuca semicinerea*, o acrobata *Acrobatornis fonsecai*, o teque-teque *Todirostrum poliocephalum*, o capitão-de-saíra *Attila rufus*, o sabiá-pimenta *Carpornis melanocephalus*, o crejoá *Cotinga maculata*, o anambé-de-asa-branca *Xipholena atropurpurea*, a canã *Cyanocorax cyanopogon*, o garrinchão-de-bico-grande *Thryothorus longirostris*, o bico-de-veludo *Schistochlamys ruficapillus*, o carretão *Sericossypha loricata*, a saíra-da-mata *Hemithraupis ruficapilla*, o tiê-sangue *Ramphocelus bresilius*, o sanhaço-de-encontro-azul *Thraupis cyanoptera*, a douradinha *Tangara cyanoventris*, o golinho *Sporophila albogularis* e o galo-da-campina *Paroaria dominicana*) segundo Sick (1997). Ribon *et al.* (2003) afirmam que aves endêmicas de Mata Atlântica tem maior probabilidade de extinção do que espécies não endêmicas. De acordo com Silva *et al.* (2004) ocorrem duas áreas de endemismo para passeriformes na região onde o trabalho foi realizado (Costa da Bahia e Serra do Mar). Salienta-se que a maioria das espécies consideradas endêmicas são encontradas em ambientes florestais e de borda de floresta, logo se compreende a grande importância deste tipo de ambiente para a manutenção destas espécies. Cerca de

11,8% das espécies de aves da Mata Atlântica (n = 73) são consideradas endêmicas (Mittermeier, 1999 *apud* IPEMA, 2004). Conforme Cordeiro (2003), áreas do sul da Bahia apresentam um razoável grau de proteção para espécies endêmicas, todavia o mesmo autor cita que áreas nordestinas devem ser priorizadas na aplicação de recursos voltados à preservação e fiscalização ambiental.

Um fato importante é a presença de psitacídeos utilizando áreas de cultivo de eucalipto como dormitório, deslocamento ou mesmo para a alimentação no sul da Bahia e no centro-norte do Espírito Santo. Entre as espécies registradas, encontram-se algumas ameaçadas, tais como: a tiriba-de-orelha-branca *Pyrrhura leucotis*, a jandaia-de-testa-vermelha *Aratinga auricapilla* e o chauá *Amazona rhodocorytha* (Pereira *et al.*, 2003). Dessa maneira, o planejamento das obras de implementação do gasoduto devem levar em consideração quando forem efetuados trabalhos em áreas com este tipo de vegetação. Assim, a integridade do ambiente utilizado por espécies ameaçadas pode estar sendo mantida, ainda que o ambiente seja antropizado. Um exemplo de psitacídeo comumente observado na área estudada é o periquito-rei *Aratinga áurea* ilustrado na foto 5.151.



*Foto 5.151- Indivíduo do periquito-rei Aratinga aurea alimentando-se. Foto BOURSCHEID*

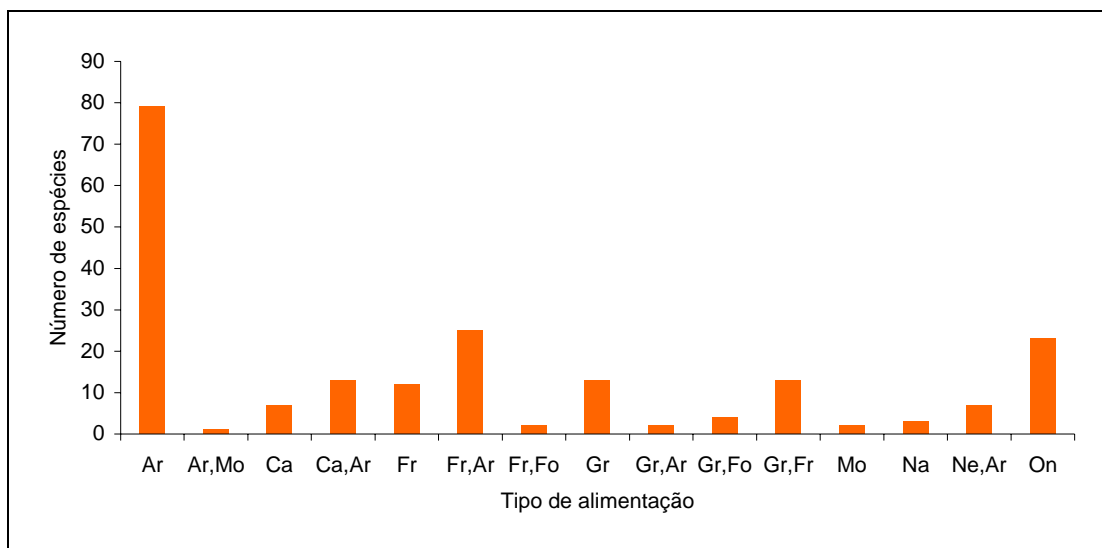
Cordeiro (2003) salienta que existem áreas com grande riqueza de espécies de aves no sul da Bahia, onde as áreas mais importantes, do ponto de vista ornitológico, estão dispostas, principalmente, ao longo dos Tabuleiros do extremo sul e da região de Una. Segundo este autor, o conjunto de grandes blocos remanescentes, composto pelo PARNA do Descobrimento, PARNA do Pau Brasil e PARNA do Monte Pascoal, traduz-se no cenário prioritário para o estabelecimento do Corredor Central da Mata Atlântica. Logo, a manutenção de fragmentos de floresta intactos é de grande importância para uma região que servirá de zona de amortecimento e/ou parte integrante desse corredor. Por isso é de muita importância que, durante a fase de implementação do duto, sejam feitos contornos em ambientes florestais.

De acordo com os resultados das amostragens de campo, foram identificadas 206 espécies de aves para a área de influência do Gasoduto Cacimbas-Catu. Um total de 11 espécies (a aracuã-de-barriga-branca *Ortalis araucuan*, o beija-flor-rubi *Clytolaema rubricauda*, o rapazinho-dos-velhos *Nystalus maculatus*, o João-barbudo *Malacoptila striata*, o casaca-de-couro-da-lama *Furnarius figulus*, o tequeteque *Todirostrum poliocephalum*, o capitão-de-saíra *Attila rufus*, o garrinchão-de-bico-grande *Thryothorus longirostris*, o bico-de-veludo *Schistochlamys ruficapillus*, o tiê-sangue *Ramphocelus bresilius* e o galo-da-campina *Paroaria dominicana*) registradas neste trabalho são consideradas endêmicas por Sick (1997). Este número pode ser considerado baixo, uma vez que, dados combinados de Sick (1997), Parker *et al.* (1996) e Cordeiro (1999), consideram que existem cerca de 207 espécies endêmicas para o bioma da Mata Atlântica. A riqueza de espécies, bem como o número de espécies endêmicas do trabalho realizado em campo, podem ser considerados baixos quando se leva em conta a área que foi amostrada, originalmente Mata Atlântica, todavia devido ao alto grau de descaracterização da paisagem nas áreas trabalhadas o número de espécies registradas pode representar uma realidade para a área de influência do Empreendimento. Todavia, Marini (2000) cita que florestas de pequena área possuem várias características depauperadas em relação às florestas de áreas comparativamente maiores, porém isto não significa que as mesmas não tenham importância uma vez que existem diversas razões para sua preservação.

Durante a realização deste estudo, foram registradas apenas 5 espécies (a maracanã-do-buriti *Propyrrhura maracana*, a jandaia-de-testa-vermelha *Aratinga auricapilla*, o urubuzinho *Chelidoptera tenebrosa*, a araponga *Procnias nudicollis* e o sabiá-da-praia *Mimus gilvus*) de aves consideradas ameaçadas conforme IUCN (2003) e Alves *et al.* (2000) (Tabela 5.133). Ressalta-se que a maioria das espécies ameaçadas ocorre em ambientes florestais e somente o sabiá-da-praia *Mimus gilvus* ocorre em ambiente de dunas costeiras e restingas. De acordo com o trabalho de Harris e Pimm (2004), realizado em fragmentos florestais da Mata Atlântica, a perda de hábitat ameaça espécies de aves exclusivas de florestas e, também, aquelas que utilizam hábitats secundários. Logo, salienta-se aqui a necessidade de preservação e manutenção desses ambientes durante a realização das obras do Empreendimento, uma vez que a grande ameaça para sobrevivência dessas espécies é a fragmentação e a perda do seu hábitat natural. De acordo com Chalfoun *et al.* (2002), em ambientes fragmentados, ocorrem maiores taxas de predação de ninhos de aves. Desse modo, deve-se evitar que se fragmente ainda mais a paisagem existente na área do gasoduto. Outro efeito negativo sobre a avifauna em ambientes fragmentados, segundo Devely (2001), é a simplificação de bandos mistos, com ausência ou menor eficiência de uma espécie nuclear.



De acordo com a figura 5.13 pode-se constatar que cerca de 38% (n = 79) da avifauna registrada durante os trabalhos de campo tem artrópodes como principal fonte alimentar (Ar). De acordo com Sekercioglu *et al.* (2002), entre as aves tropicais, os insetívoros de subbosque são particularmente sensíveis à fragmentação e distúrbios de hábitat, apesar de seus tamanhos diminutos e de não serem procurados como animais de caça. Espécies frugívoras (Fr) representam cerca de 5,8% (n = 12) das aves registradas, enquanto que espécies com dieta mista de frutos correspondem a 19,5 % (n = 40). Este fato é de grande importância para se verificar que mais de um terço das espécies consomem basicamente artrópodes, fato que torna este recurso muito importante para esta área. Outro fato importante é o conhecimento de que cerca de 25% das espécies registradas nos trabalhos de campo consumirem frutos na sua dieta, um tipo de recurso sazonal e muitas vezes momentâneo. De acordo com Goerk (1997), as aves frugívoras na Mata Atlântica brasileira formam atualmente a categoria trófica mais ameaçada de extinção. Corrobora o trabalho de Ribon *et al.* (2003) que informa que espécies que se alimentam de frutos e sementes e aquelas que se alimentam de insetos estão mais ameaçadas do que espécies onívoras e carnívoras. Pizo (2001) informa que para a preservação de espécies frugívoras, deve-se manter tanto ambientes naturais de grande tamanho quanto áreas cobertas por vegetação secundária.

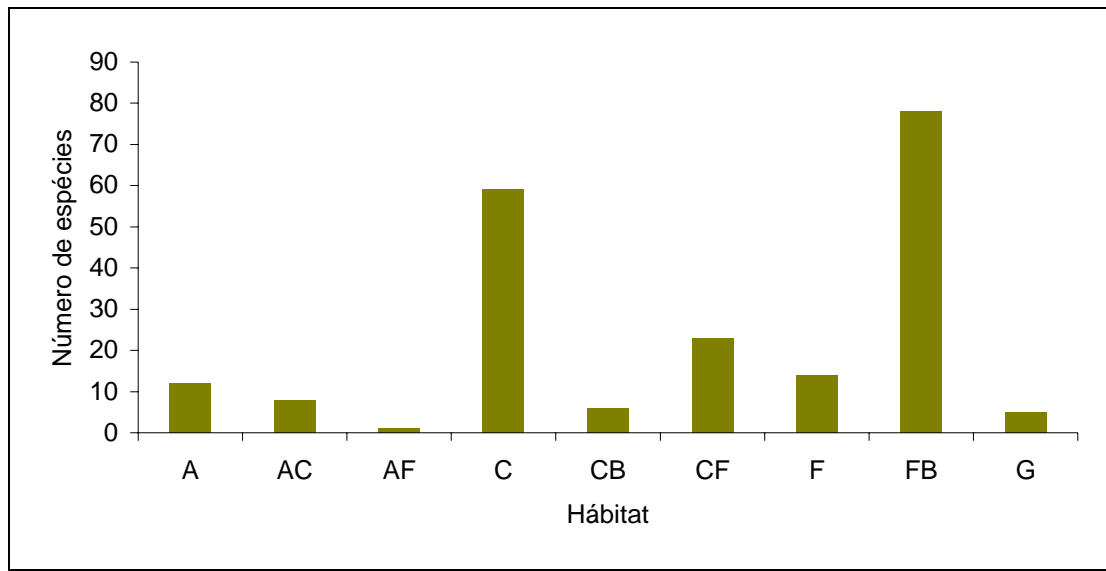


Legenda: Ar, artrópodes; Mo, moluscos; Ca, carnívoro; Fr, Frutos; Fo, folhas; Gr, granívoro; Na, necrófago; Ne, néctar; On, Onívoro.

**Figura 5.13- Gráfico da principal fonte alimentar das espécies de aves registradas durante os trabalhos de campo**

Conforme a figura 5.14, a categoria de hábitat mais utilizada pelas espécies registradas durante a amostragem de campo foi a de floresta e borda (FB) com cerca de 38% das espécies anotadas. A outra categoria com grande representatividade de espécies foi a de aves que utilizam campos/áreas abertas

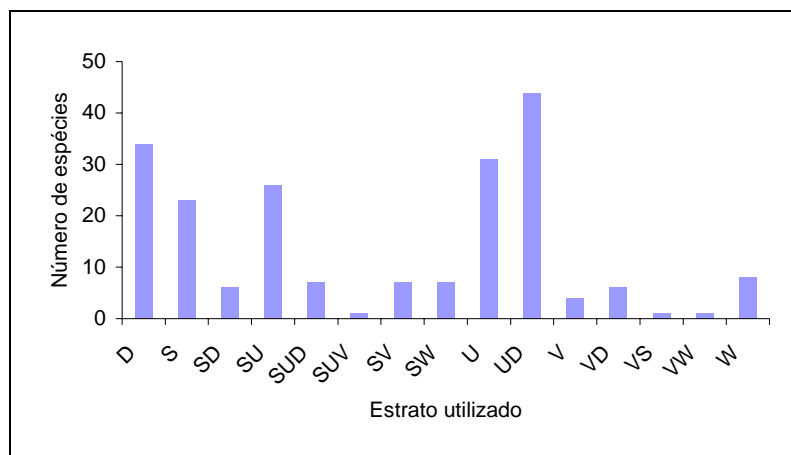
(C), com cerca de 28,3% dos registros. Esses fatos comprovam que a área trabalhada, originalmente coberta por florestas, ainda possui uma grande parcela de aves dependentes deste tipo de ambiente. Logo, deve-se considerar, durante a implementação do Empreendimento, a necessidade de se evitar a fragmentação e de se possuir um planejamento para recomposição da vegetação florestal suprimida com espécies nativas. Desse modo se pode minimizar os impactos causados pelo Empreendimento para uma grande parcela da avifauna atingida.



Legenda: A, aquático; C, áreas abertas/campos; F, florestas; B, borda; G, generalista.

**Figura 5.14- Gráfico de utilização de hábitat das espécies de aves registradas durante os trabalhos de campo**

Os dados da figura 5.15 demonstram que cerca de 21% (n = 44) das espécies utilizam a categoria subbosque/meia altura e dossel (UD) e 16,5% (n = 34) utilizam basicamente o dossel (D). Este dado evidencia a ocorrência de um grande número de espécies com características florestais que forrageiam, principalmente, nas copas das matas, tais como: a pomba-galega *Columba cayennensis*, maracanã-doburiti *Propyrrhura maracana*, a jandaia-de-testa-vermelha *Aratinga auricapilla*, o tuim *Forpus xanthopterygius*, o urubuzinho *Chelidoptera tenebrosa*, o pica-pau-de-banda-branca *Dryocopus lineatus*, entre outros (vide Tabela 5.133). E, novamente, demonstra a importância de preservação desse tipo vegetacional onde muitas espécies de aves procuram como abrigo, local de reprodução e local de alimentação. Com relação ao estrato de utilização, Ribon *et al.* (2003) citam que aves terrestres e de subbosque ou as que utilizam apenas um estrato da mata tem maior probabilidade de estarem ameaçadas.



Legenda: S, solo; U, sub-bosque/meia altura; D, dossel; W, aquático; V, aéreo.

**Figura 5.15- Gráfico de estrato de forrageio utilizado pelas espécies de aves registradas durante os trabalhos de campo**

**Tabela 5.133- Fauna de aves registrada durante os trabalhos no EIA do Cacimbas-Catu**

Família/espécie	Nome comum	Áreas						Alimento	Hábitat	Estrato	Ameaças
		AI	1	2	3	4	5				
<b>Tinamidae</b>											
<i>Crypturellus soui</i>	tururim	b						On	FB	S	
<i>Crypturellus obsoletus</i>	inhambu-guaçu	c						On	FB	S	
<i>Crypturellus noctivagus</i> <sup>S</sup>	jaó-do-sul	b						On	F	S	R, N, M
<i>Crypturellus parvirostris</i>	inhambu-chororó	b,c	c		c			On	C	S	
<i>Crypturellus tataupa</i>	inhambu-chintã	b,c						On	F	S	
<i>Rhynchotus rufescens</i>	perdiz	b,c			c			Gr,Ar	C	S	
<i>Nothura maculosa</i>	codorna-comum	b						Gr,Ar	C	S	
<b>Podicipedidae</b>											
<i>Tachybaptus dominicus</i>	mergulhão-pequeno	b						Ca,Ar	A	W	
<i>Podilymbus podiceps</i>	mergulhão	b,c						Ca,Ar	A	W	
<b>Phalacrocoracidae</b>											
<i>Phalacrocorax brasilianus</i>	biguá	b,c						Ca	A	W	
<b>Fregatidae</b>											
<i>Fregata magnificens</i>	tesourão		c					Ca	A	W	
<b>Ardeidae</b>											
<i>Casmerodius albus</i>	garça-branca-grande	b,c	c	c	c			Ca,Ar	A	SW	
<i>Egretta thula</i>	garça-branca-pequena	b,c	c			c		Ca,Ar	A	SW	
<i>Egretta caerulea</i>	garça-azul		c					Ar	A	SW	
<i>Bubulcus ibis</i>	garça-vaqueira	c	c	c	c	c		Ar	C	S	

Família/espécie	Nome comum	Áreas						Alimento	Hábitat	Estrato	Ameças
		AI	1	2	3	4	5				
<i>Butorides striatus</i>	socozinho	b,c	c			c	c	Ca,Ar	AF	SW	
<b>Cathartidae</b>											
<i>Sarcoramphus papa</i>	urubu-rei	b						Na	CF	SV	R
<i>Coragyps atratus</i>	urubu-de-cabeça-preta	b,c	c	c	c	c	c	Na	CF	SV	
<i>Cathartes aura</i>	urubu-de-cabeça-vermelha	b,c	c	c	c	c	c	Na	CF	SV	
<i>Cathartes burrovianus</i>	urubu-de-cabeça-amarela	b,c	c	c	c	c	c	Na	CF	SV	
<b>Anatidae</b>											
<i>Dendrocygna autumnalis</i>	asa-branca			c				Gr,Fo	A	W	
<i>Dendrocygna viduata</i>	irerê	b						Gr,Fo	A	W	
<i>Amazonetta brasiliensis</i>	pé-vermelho	b,c	c					Gr,Fo	A	W	
<b>Accipitridae</b>											
<i>Elanus leucurus</i>	peneira	b,c						Ca,Ar	C	V	
<i>Ictinia plumbea</i>	sovi				c			Ar	FB	VD	
<i>Rosthramus sociabilis</i>	caramujeiro	c	c					Mo	A	VW	
<i>Buteo albicaudatus</i>	gavião-de-rabo-branco	b						Ca,Ar	C	SV	
<i>Buteo albonotatus</i>	gavião-de-rabo-barrado	b						Ca,Ar	F	D	
<i>Buteo swainsoni</i>	gavião-papa-gafanhoto				c			Ar	C	SV	
<i>Rupornis magnirostris</i>	gavião-carijó	b,c	c	c	c	c	c	Ca,Ar	G	VD	
<i>Leucopternis lacernulata</i> <sup>S</sup>	gavião-pomba	b						Ca,Ar	F	UD	R, N, M
<i>Buteogallus meridionalis</i>	gavião-caboclo	c	c					Ca,Ar	C	SV	
<i>Circus buffoni</i>	gavião-do-mangue			c				Ca,Ar	AC	SV	
<i>Geranospiza caerulescens</i>	gavião-pernilongo	b						Ca	F	UD	
<b>Falconidae</b>											
<i>Herpetotheres cachinnans</i>	acauiã	b,c			c			Ca	FB	VD	
<i>Milvago chimachima</i>	carrapateiro	b,c	c	c	c			Ca,Ar	CF	VD	
<i>Polyborus plancus</i>	caracará	b,c	c	c	c	c	c	Ca,Ar	C	SV	
<i>Falco femoralis</i>	falcão-de-coleira	b						Ca,Ar	CB	VD	
<i>Falco sparverius</i>	quiriquiri	b,c	c			c	c	Ca,Ar	CF	VD	
<b>Cracidae</b>											
<i>Ortalis araucuan</i> <sup>S</sup>	aracuiã-de-barriga-branca	c						Fr,Fo	F	SD	
<i>Penelope superciliaris</i>	jacupemba	b						Fr,Fo	F	S	
<i>Penelope obscura</i>	jacuaçu	c						Fr,Fo	FB	SD	
<i>Penelope jacucaca</i> <sup>S</sup>	jacucaca	b						Fr,Fo	F	S	N, M
<b>Aramidae</b>											

Família/espécie	Nome comum	Áreas						Alimento	Hábitat	Estrato	Ameças
		AI	1	2	3	4	5				
<i>Aramus guarauna</i>	carão	c						Mo	AC	SW	
<b>Rallidae</b>											
<i>Rallus sanguinolentus</i>	sanã						c	On	AC	S	
<i>Rallus nigricans</i>	saracura-sanã	b,c	c		c	c		On	AC	S	
<i>Rallus maculatus</i>	saracura-carijó	b						On	AC	S	
<i>Amaurolimnas concolor</i>	saracurinha-da-mata	b						On	F	S	
<i>Aramides cajanea</i>	três-potes	b,c					c	On	CF	S	
<i>Porzana albicollis</i>	sanã-carijó	b,c		c	c	c	c	On	AC	S	
<i>Laterallus viridis</i>	siricora-mirim	b						On	AC	S	
<i>Gallinula chloropus</i>	frango-d'água-comum	b,c		c				On	AC	SW	
<i>Porphyryla martinica</i>	frango-d'água-azul	b		c				On	AC	S	
<b>Jacanidae</b>											
<i>Jacana jacana</i>	jaçanã	b,c	c	c	c	c	c	Gr,Ar	AC	SW	
<b>Charadriidae</b>											
<i>Vanellus chilensis</i>	quero-quero	b,c	c	c	c	c	c	Ar	C	S	
<b>Scolopacidae</b>											
<i>Tringa solitaria</i>	maçarico-solitário	b						Ar	C	S	
<i>Tringa flavipes</i>	maçarico-de-perna-amarela	b						Ar	C	S	
<i>Actitis macularia</i>	maçarico-pintado	b						Ar	C	S	
<i>Calidris alba</i>	maçarico-branco		c					Ar	C	S	
<i>Gallinago paraguaiae</i>	nareja	b		c				Ar,Mo	C	S	
<b>Columbidae</b>											
<i>Columba livia</i>	pomba-doméstica	b						On	C	SD	
<i>Columba speciosa</i>	pomba-trocal	b						Gr,Fr	F	D	R
<i>Columba picazuro</i>	asa-branca	c	c	c				Gr,Fr	CF	SD	
<i>Columba cayennensis</i>	poma-galega	b		c				Gr,Fr	FB	D	
<i>Columbina minuta</i>	rolinha-de-asa-canela	b,c					c	Gr,Fr	C	S	
<i>Columbina talpacoti</i>	rola	b,c		c	c	c	c	Gr,Fr	CB	S	
<i>Columbina picui</i>	rolinha-branca	b,c						Gr,Fr	C	S	
<i>Claravis pretiosa</i>	pomba-de-espelho	b						Gr,Fr	F	SU	
<i>Scardafella squammata</i>	fogo-apagou	b,c	c	c	c		c	Gr,Fr	C	S	
<i>Leptotila sp.</i>	juriti	b						Gr,Fr	FB	S	
<i>Leptotila verreauxi</i>	juriti	b						Gr,Fr	FB	SU	
<i>Leptotila rufaxilla</i>	gemedeira						c	Gr,Fr	FB	S	

Família/espécie	Nome comum	Áreas						Alimento	Hábitat	Estrato	Ameças
		AI	1	2	3	4	5				
<i>Geotrygon montana</i>	pariri	b						Gr,Fr	F	S	
<b>Psittacidae</b>											
<i>Propyrrhura maracana</i>	maracanã-do-buriti	b,c		c				Gr,Fr	F	D	M
<i>Aratinga auricapilla</i>	jandaia-de-testa-vermelha	b,c	c	c	c			Gr,Fr	F	D	R, M
<i>Aratinga aurea</i>	periquito-rei	b,c	c	c	c	c	c	Gr,Fr	CF	UD	
<i>Pyrrhura cruentata</i> <sup>S</sup>	fura-mato	b						Gr,Fr	F	D	R, N, M
<i>Pyrrhura frontalis</i>	tiriba-de-testa-vermelha	b						Gr,Fo	FB	D	
<i>Pyrrhura leucotis</i>	tiriba-de-orelha-branca	b						Gr,Fo	F	C	R, N
<i>Forpus xanthopterygius</i>	tuim	b,c		c	c	c	c	Gr,Fr	FB	D	
<i>Brotogeris</i> sp.	periquito	c		c				Gr,Fr	FB	D	
<i>Brotogeris tirica</i> <sup>S</sup>	periquito-rico	b						Gr,Fr	FB	D	
<i>Pionus</i> sp.	maitaca	b						Gr,Fr	FB	D	
<i>Amazona</i> sp.	papagaio	c						Gr,Fr	FB	D	
<i>Amazona rhodocorytha</i> <sup>S</sup>	chauá	b						Gr,Fr	F	D	R, N, M
<i>Amazona amazonica</i>	curica	b						Gr,Fr	CF	D	
<i>Amazona farinosa</i>	papagaio-moleiro	b						Gr,Fr	F	D	R
<b>Cuculidae</b>											
<i>Piaya cayana</i>	alma-de-gato	b,c		c	c	c	c	Ar	FB	UD	
<i>Crotophaga ani</i>	anu-preto	b,c	c	c	c	c	c	Ar	C	SU	
<i>Crotophaga major</i>	anu-coroca		c					Ar	F	UD	
<i>Guira guira</i>	anu-branco	b,c	c	c	c	c	c	Ar	C	SU	
<i>Tapera naevia</i>	saci	b,c	c	c	c	c	c	Ar	C	SU	
<b>Tytonidae</b>											
<i>Tyto alba</i>	suindara	b		c				Ca	C	VD	
<b>Strigidae</b>											
<i>Otus choliba</i>	corujinha-do-mato	b						Ca,Ar	FB	D	
<i>Bubo virginianus</i>	corujão-orelhudo	b						Ca	FB	UD	
<i>Pulsatrix perspicillata</i>	murucututu	b						Ca,Ar	F	D	
<i>Glaucidium brasilianum</i>	caburé	b,c						Ca,Ar	FB	D	
<i>Speotyto cunicularia</i>	buraqueira	b,c	c	c	c	c		Ca,Ar	C	VS	
<b>Nyctibiidae</b>											
<i>Nyctibius griseus</i>	urutau	b						Ar	FB	D	
<b>Caprimulgidae</b>											
<i>Lurocalis semitorquatus</i>	tuju	b						Ar	FB	V	

Família/espécie	Nome comum	Áreas						Alimento	Hábitat	Estrato	Ameças
		AI	1	2	3	4	5				
<i>Chordeiles sp.</i>	bacurau-norteamericano	c						Ar	CF	V	
<i>Nyctidromus albicollis</i>	curiango	b	c	c			c	Ar	FB	S	
<i>Nyctiphrynus ocellatus</i>	bacurau-ocelado	b						Ar	F	S	
<i>Caprimulgus parvulus</i>	bacurau-pequeno	b						Ar	FB	S	
<i>Hydropsalis brasiliiana</i>	bacurau-tesoura	b						Ar	C	S	
<b>Apodidae</b>											
<i>Chaetura cinereiventris</i>	andorinhão-de-sobre-cinzento	b,c					c	Ar	F	V	
<i>Chaetura andrei</i>	andorinhão-do-temporal						c c	Ar	CF	V	
<b>Trochilidae</b>											
<i>Glaucis hirsuta</i>	balança-rabo-de-bico-torto	b						Ne,Ar	F	U	
<i>Phaethornis pretrei</i>	rabo-branco-de-sobre-amarelo	b						Ne,Ar	F	U	
<i>Phaethornis gounellei</i> <sup>S</sup>	rabo-branco-de-cauda-larga	b						Ne,Ar	F	U	
<i>Phaethornis ruber</i>	besourinho-da-mata	b						Ne,Ar	FB	U	
<i>Eupetomena macroura</i>	tesourão	b		c	c	c	c	Ne,Ar	CF	UD	
<i>Melanotrochilus fuscus</i>	beija-flor-preto-e-branco						c	Ne,Ar	F	UD	
<i>Anthracothorax nigricollis</i>	beija-flor-preto	b					c c	Ne,Ar	CF	UD	
<i>Chrysolampis mosquitus</i>	beija-flor-vermelho	b						Ne,Ar	CF	D	
<i>Chlorestes nonatus</i>	beija-flor-de-garganta-azul	b						Ne,Ar	F	D	
<i>Chlorostilbon aureoventris</i>	besourinho-de-bico-vermelho	b						Ne,Ar	CF	UD	
<i>Thalurania watertonii</i> <sup>S</sup>	beija-flor-da-costa-violeta	b						Ne,Ar	F	U	N
<i>Thalurania glaucopis</i>	tesoura-de-frente-violeta	b,c					c c	Ne,Ar	FB	U	
<i>Hylocharis cyanus</i>	beija-flor-roxo	b						Ne,Ar	FB	UD	
<i>Amazilia versicolor</i>	beija-flor-de-banda-branca	b						Ne,Ar	FB	UD	
<i>Clytolaema rubricauda</i> <sup>S</sup>	beija-flor-rubi	c					c	Ne,Ar	F	U	
<b>Trogonidae</b>											
<i>Trogon viridis</i>	surucuá-grande-de-barriga-amarela	b						Fr,Ar	F	D	
<b>Alcedinidae</b>											
<i>Ceryle torquata</i>	martim-pescador-grande	b					c	Ca	A	W	
<i>Chloroceryle amazona</i>	martim-pescador-verde	c	c				c c	Ca	A	W	
<i>Chloroceryle americana</i>	martim-pescador-pequeno	b					c	Ca	A	W	
<b>Galbulidae</b>											
<i>Galbula ruficauda</i>	bico-de-agulha-de-rabo-vermelho	b,c					c c	Ar	FB	U	
<b>Bucconidae</b>											
<i>Nystalus chacuru</i>	joão-bobo						c	Ar	CF	D	

Família/espécie	Nome comum	Áreas						Alimento	Hábitat	Estrato	Ameaças
		AI	1	2	3	4	5				
<i>Nystalus maculatus</i> <sup>S</sup>	rapazinho-dos-velhos					c	c	Ar	CF	D	
<i>Malacoptila striata</i> <sup>S</sup>	joão-barbudo	b		c				Ar	F	U	
<i>Monasa morphoeus</i>	bico-de-brasa-de-testa-branca	b						Ar	F	UD	R
<i>Chelidoptera tenebrosa</i>	urubuzinho	b,c			c			Ar	FB	D	R
<b>Ramphastidae</b>											
<i>Pteroglossus aracari</i>	araçari-de-bico-branco	b						On	F	D	R
<i>Ramphastos vitellinus</i>	tucano-de-bico-preto	b						On	FB	D	
<b>Picidae</b>											
<i>Picumnus cirratus</i>	pica-pau-anão-barrado	c	c	c	c	c	c	Ar	F	UD	
<i>Picumnus pygmaeus</i> <sup>S</sup>	pica-pau-anão-pintalgado	b						Ar	F	UD	
<i>Picumnus exilis</i>	pica-pau-anão-de-pintas-amarelas	b						Ar	F	UD	
<i>Colaptes campestris</i>	pica-pau-do-campo	b,c	c					Ar	C	SU	
<i>Colaptes melanochloros</i>	pica-pau-verde-barrado	b,c		c	c	c	c	Fr,Ar	FB	SD	
<i>Piculus flavigula</i>	pica-pau-bufador	b						Ar	F	D	
<i>Celeus flavescens</i>	pica-pau-de-cabeça-amarela	b						Fr,Ar	F	UD	
<i>Dryocopus lineatus</i>	pica-pau-de-banda-branca	b			c			Ar	FB	D	
<i>Melanerpes flavifrons</i>	benedito-de-testa-amarela	b			c			Fr,Ar	FB	U	
<i>Melanerpes candidus</i>	birro	c	c		c			Fr,Ar	CF	UD	
<i>Veniliornis passerinus</i>	pica-pauzinho-anão	b						Ar	F	D	
<i>Veniliornis affinis</i>	pica-pauzinho-avermelhado	b						Ar	F	D	
<i>Campephilus robustus</i>	pica-pau-rei	b,c						Fr,Ar	FB	UD	
<b>Formicariidae</b>											
<i>Taraba major</i>	choró-boi	b		c	c			Ar	CF	U	
<i>Thamnophilus</i> sp.	choca					c		Ar	CF	U	
<i>Thamnophilus palliatus</i>	choca-listrada	b						Ar	CF	U	
<i>Thamnophilus punctatus</i>	choca-bate-cabo	b						Ar	FB	U	
<i>Thamnophilus torquatus</i>	choca-de-asa-vermelha	b			c			Ar	CF	U	
<i>Thamnophilus ruficapillus</i>	choca-de-boné-vermelho					c		Ar	CF	U	
<i>Dysithamnus stictothorax</i>	choquinha-de-peito-pintado	b						Ar	F	U	M
<i>Dysithamnus mentalis</i>	choquinha-lisa				c			Ar	FB	UD	
<i>Dysithamnus plumbeus</i> <sup>S</sup>	choquinha-chumbo	b						Ar	F	U	R, M
<i>Thamnomanes caesius</i>	ipecuá	b						Ar	F	U	
<i>Myrmotherula axillaris</i>	choquinha-de-flanco-branco	b,c						Ar	F	U	
<i>Myrmotherula urosticta</i> <sup>S</sup>	choquinha-de-rabo-cintado	b						Ar	F	U	R, N, M



Família/espécie	Nome comum	Áreas						Alimento	Hábitat	Estrato	Ameças
		AI	1	2	3	4	5				
<i>Herpsilochmus rufimarginatus</i>	chorozinho-de-asa-vermelha	b						Ar	F	D	
<i>Herpsilochmus pectoralis</i> <sup>S</sup>	chorozinho-de-papo-preto	b						Ar	F	D	N, M
<i>Formicivora grisea</i>	papa-formigas-pardo	b	c	c				Ar	F	U	
<i>Formicivora melanogaster</i>	formigueiro-de-barriga-preta	b						Ar	F	U	
<i>Drymophila ferruginea</i> <sup>S</sup>	trovoada	b						Ar	F	U	
<i>Drymophila squamata</i> <sup>S</sup>	pintadinho	b						Ar	F	U	
<i>Terenura maculata</i>	zidedê	b						Ar	F	D	
<i>Pyriglena atra</i> <sup>S</sup>	papa-taoca-da-bahia	b						Ar	FB	U	N, M
<i>Pyriglena leucoptera</i>	papa-taoca-do-sul	b						Ar	FB	U	
<i>Formicarius colma</i>	galinha-do-mato	b						Ar	F	S	
<i>Grallaria varia</i>	tovacuçu	b						Ar	F	S	N
<b>Conopophagidae</b>											
<i>Conopophaga melanops</i> <sup>S</sup>	cuspidor-de-máscara-preta	b						Ar	F	U	
<b>Furnariidae</b>											
<i>Furnarius rufus</i>	joão-de-barro	b,c	c	c	c	c	c	Ar	C	S	
<i>Furnarius leucopus</i>	casaca-de-couro-amarelo	b					c	Ar	CF	S	
<i>Furnarius figulus</i> <sup>S</sup>	casaca-de-couro-da-lama	c		c	c	c	c	Ar	CF	S	
<i>Synallaxis spixi</i>	joão-teneném	b						Ar	C	U	
<i>Synallaxis frontalis</i>	petrim	b,c		c	c			Ar	FB	U	
<i>Synallaxis albescens</i>	uipí	b						Ar	C	U	
<i>Synallaxis hypospodia</i>	joão-grilo	c						Ar	C	U	
<i>Certhiaxis cinnamomea</i>	curutié	b,c	c		c	c	c	Ar	C	SU	
<i>Cranioleuca semicinerea</i> <sup>S</sup>	joão-de-cabeça-cinza	b						Ar	F	UD	
<i>Phacellodomus rufifrons</i>	joão-de-pau	b,c		c	c	c		Ar	CF	UD	
<i>Acrobatornis fonsecai</i> <sup>S</sup>	acrobata	b						Ar	F	D	N, M
<i>Pseudoseisura cristata</i>	casaca-de-couro	b,c			c	c		Ar	CF	SD	
<i>Philydor atricapillus</i>	limpa-folha-coroadado	b						Ar	F	U	
<i>Automolus leucophthalmus</i>	barranqueiro-de-olho-branco	b						Ar	F	U	
<i>Xenops minutus</i>	bico-virado-miúdo	b						Ar	F	U	
<i>Xenops rutilans</i>	bico-virado-carijó	b,c		c	c			Ar	FB	D	
<b>Dendrocolaptidae</b>											
<i>Dendrocincla turdina</i>	arapaçu-liso	b						Ar	F	U	
<i>Sittasomus griseicapillus</i>	arapaçu-verde	b						Ar	FB	UD	
<i>Glyphorynchus spirurus</i>	arapaçu-de-bico-de-cunha	b						Ar	F	U	

Família/espécie	Nome comum	Áreas						Alimento	Hábitat	Estrato	Ameaças
		AI	1	2	3	4	5				
<i>Xiphocolaptes albicollis</i>	arapaçu-de-garganta-branca	b						Ar	F	UD	
<i>Dendrocolaptes platyrostris</i>	arapaçu-grande	b						Ar	FB	UD	
<i>Xiphorhynchus picus</i>	arapaçu-de-bico-branco	b						Ar	F	U	R
<i>Xiphorhynchus guttatus</i>	arapaçu-de-garganta-amarela	b						Ar	F	UD	
<i>Lepidocolaptes squamatus</i>	arapaçu-escamado	b						Ar	FB	U	
<i>Lepidocolaptes fuscus</i>	arapaçu-rajado	b						Ar	F	U	
<i>Campylorhamphus falcularius</i>	arapaçu-de-bico-torto	b						Ar	FB	U	
<b>Tyrannidae</b>											
<i>Phyllomyias fasciatus</i>	piolhinho	b	c					Ar	FB	D	
<i>Camptostoma obsoletum</i>	risadinha	b,c	c	c	c	c	c	Ar	FB	UD	
<i>Sublegatus modestus</i>	sertanejo	c				c		Ar	CB	U	
<i>Myiopagis caniceps</i>	maria-da-copa	c		c	c	c		Ar	FB	D	
<i>Elaenia flavogaster</i>	guaracava-de-barriga-amarela	b,c	c	c	c	c	c	Fr,Ar	G	UD	
<i>Elaenia spectabilis</i>	guaracava-grande	c				c		Fr,Ar	CB	D	
<i>Stigmatura budytoides</i>	alegrinho-balança-rabo	b						Ar	C	U	
<i>Euscathmus meloryphus</i>	barulhento	b,c		c	c			Ar	CB	U	
<i>Mionectes oleagineus</i>	supi	b						Ar	FB	U	
<i>Leptopogon amaurocephalus</i>	cabeçudo	b					c	Ar	FB	U	
<i>Capsiempis flaveola</i>	marianinha-amarela	b						Ar	FB	U	
<i>Myiornis auricularis</i>	miudinho	b			c			Ar	FB	U	
<i>Hemitriccus margaritaceiventer</i>	sebinho-de-olho-de-ouro	b						Ar	FB	U	
<i>Todirostrum poliocephalum</i> <sup>S</sup>	teque-teque	c	c			c		Ar	FB	UD	
<i>Todirostrum cinereum</i>	relógio	b,c	c	c	c	c	c	Ar	FB	UD	
<i>Todirostrum fumifrons</i>	ferreirinho-de-testa-parda	b						Ar	FB	U	
<i>Ramphotrigon megacephala</i>	maria-cabeçuda					c		Ar	FB	U	
<i>Rhynchocyclus olivaceus</i>	bico-chato-grande	b						Ar	FB	UD	
<i>Tolmomyias sulphurescens</i>	bico-chato-de-orelha-preta	b	c					Ar	FB	UD	
<i>Tolmomyias flaviventris</i>	bico-chato-amarelo	b						Ar	FB	UD	
<i>Myiobius</i> sp.	assanhadinho	b						Ar	FB	U	
<i>Myiobius barbatus</i>	assanhadinho						c	Ar	FB	U	
<i>Myiophobus fasciatus</i>	filipe	b,c			c	c	c	Ar	C	U	
<i>Lathrotriccus euleri</i>	enferrujado	b						Ar	FB	U	
<i>Pyrocephalus rubinus</i>	verão	b						Ar	C	UD	
<i>Xolmis irupero</i>	noivinha	b,c						Ar	C	U	

Família/espécie	Nome comum	Áreas						Alimento	Hábitat	Estrato	Ameaças
		AI	1	2	3	4	5				
<i>Fluvicola albiventer</i>	lavadeira-de-cara-branca	b						Ar	C	U	
<i>Fluvicola nengeta</i>	lavadeira-mascarada	b,c	c	c	c	c	c	Ar	C	SU	
<i>Arundinicola leucocephala</i>	lavadeira-de-cabeça-branca	b,c				c		Ar	C	U	
<i>Colonia colonus</i>	viuvinha	b						Ar	FB	U	
<i>Satrapa icterophrys</i>	suiriri-pequeno	c						Ar	C	U	
<i>Hirundinea ferruginea</i>	gibão-de-couro	b			c			Ar	C	D	
<i>Machetornis rixosus</i>	bentevi-do-gado	b,c	c	c	c	c		Ar	C	SU	
<i>Attila rufus</i> <sup>S</sup>	capitão-de-saíra	b			c			Ar	F	UD	
<i>Attila spadiceus</i>	capitão-de-saíra-amarelo	b						Ar	FB	UD	
<i>Rhytipterna simplex</i>	vissia	b						Ar	F	UD	
<i>Laniocera hypopyrra</i>	chorona-cinza	b						Ar	F	U	
<i>Myiarchus sp.</i>	maria-cavaleira	b			c			Fr,Ar	FB	UD	
<i>Myiarchus ferox</i>	maria-cavaleira	b		c	c			Fr,Ar	FB	UD	
<i>Myiarchus swainsoni</i>	irrê				c			Fr,Ar	FB	UD	
<i>Myiarchus tuberculifer</i>	maria-cavaleira-pequena	b	c					Fr,Ar	FB	D	
<i>Philohydor lictor</i>	bentevizinho-do-brejo	b	c					Ar	C	D	
<i>Pitangus sulphurarus</i>	bentevi	b,c	c	c	c	c	c	On	G	SUV	
<i>Megarynchus pitangua</i>	neinei	b,c		c	c	c	c	Fr,Ar	FB	D	
<i>Myiozetetes similis</i>	bentevizinho-penacho-vermelho	b,c		c	c	c	c	Fr,Ar	FB	UD	
<i>Myiodynastes maculatus</i>	bentevi-rajado	b,c						Fr,Ar	FB	UD	
<i>Legatus leucophaeus</i>	bentevi-pirata	b,c		c	c	c		Fr	FB	D	
<i>Empidonomus varius</i>	peitica	b,c			c	c		Fr,Ar	FB	UD	
<i>Tyrannus savana</i>	tesourinha	c						Ar	C	UD	
<i>Tyrannus melancholicus</i>	suiriri	b,c	c	c	c	c	c	Ar	G	UD	
<i>Xenopsaris albinucha</i>	tijerila	b						Ar	FB	UD	
<i>Pachyramphus viridis</i>	caneleiro-verde	b,c		c	c	c	c	Fr,Ar	FB	UD	
<i>Pachyramphus polychopterus</i>	caneleiro-preto	b		c	c			Fr,Ar	FB	UD	
<i>Pachyramphus marginatus</i>	caneleiro-bordado	b						Fr,Ar	FB	UD	
<i>Tityra cayana</i>	anambé-branco-de-rabo-preto	b						Fr,Ar	F	D	
<b>Pipridae</b>											
<i>Pipra rubrocapilla</i>	cabeça-encarnada	b						Fr	F	U	R
<i>Pipra pipra</i>	cabeça-branca	b						Fr,Ar	F	U	R
<i>Chiroxiphia pareola</i>	tangará-falso	b						Fr	F	U	
<i>Manacus manacus</i>	rendeira	b			c			Fr	FB	U	

Família/espécie	Nome comum	Áreas						Alimento	Hábitat	Estrato	Ameaças
		AI	1	2	3	4	5				
<i>Machaeropterus regulus</i>	tangará-rajado	b						Fr	F	UD	
<i>Schiffornis turdinus</i>	flautim-marrom	b						Fr,Ar	F	U	
<b>Cotingidae</b>											
<i>Carpornis melanocephalus</i> <sup>S</sup>	sabiá-pimenta	b						Fr	F	UD	R, N, M
<i>Cotinga maculata</i> <sup>S</sup>	crejoá	b						Fr	F	D	R, N, M
<i>Xipholena atropurpurea</i> <sup>S</sup>	anambé-de-asa-branca	b						Fr	F	D	R, N, M
<i>Lipaugus vociferans</i>	cricrió	b						Fr,A	F	U	
<i>Procnias nudicollis</i>	araponga	b		c				Fr	F	D	M
<b>Hirundinidae</b>											
<i>Tachycineta albiventer</i>	andorinha-do-rio	b	c		c			Ar	C	UD	
<i>Tachycineta leucorrhoa</i>	andorinha-de-sobre-branco	c	c		c	c		Ar	C	UD	
<i>Phaeoprogne tapera</i>	andorinha-do-campo	b,c	c	c	c	c	c	Ar	C	UD	
<i>Progne chalybea</i>	andorinha-doméstica-grande	b,c	c	c	c	c		Ar	C	UD	
<i>Notiochelidon cyanoleuca</i>	andorinha-pequena-de-casa	b,c						Ar	C	UD	
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	andorinha-serrador	b,c		c	c	c	c	Ar	C	UD	
<i>Hirundo rustica</i>	andorinha-de-bando	b,c	c				c	Ar	C	UD	
<b>Corvidae</b>											
<i>Cyanocorax cyanopogon</i> <sup>S</sup>	cancã	b						On	FB	UD	
<b>Troglodytidae</b>											
<i>Campylorhynchus turdinus</i>	catatau	b,c		c	c		c	Ar	FB	D	
<i>Donacobius atricapillus</i>	japacanim	b,c			c	c	c	Ar	C	U	
<i>Thryothorus genibarbis</i>	garrinchão-pai-avô	b						Ar	FB	U	
<i>Thryothorus longirostris</i> <sup>S</sup>	garrinchão-de-bico-grande	b			c	c		Ar	FB	U	
<i>Troglodytes aedon</i>	corruíra	b,c		c	c	c	c	Ar	CB	U	
<b>Muscicapidae</b>											
<i>Ramphocaenus melanurus</i>	bico-assovelado	b						Ar	FB	U	R
<i>Polioptila plumbea</i>	balança-rabo-de-chapéu-preto	b,c					c	Ar	CB	UD	
<i>Turdus rufiventris</i>	sabiá-laranjeira	b,c		c	c	c		On	G	SUD	
<i>Turdus leucomelas</i>	sabiá-barranco	b,c		c	c	c	c	Fr,Ar	FB	SUD	
<i>Turdus amaurochalinus</i>	sabiá-poca	b	c				c	Fr,Ar	FB	SUD	
<i>Turdus fumigatus</i>	sabiá-da-mata	b						Fr,Ar	FB	SUD	
<i>Turdus albicollis</i>	sabiá-coleira	b			c			Fr,Ar	FB	SUD	
<b>Mimidae</b>											
<i>Mimus gilvus</i>	sabiá-da-praia	c	c					On	C	SU	R

Família/espécie	Nome comum	Áreas						Alimento	Hábitat	Estrato	Ameaças
		AI	1	2	3	4	5				
<i>Mimus saturninus</i>	sabiá-do-campo	b,c	c	c	c	c	c	On	C	SU	
<b>Motacillidae</b>											
<i>Anthus lutescens</i>	caminheiro-zumbidor	b,c	c	c	c	c	c	Ar	C	S	
<b>Vireonidae</b>											
<i>Cychlaris gujanensis</i>	pitiguari	b,c		c	c	c	c	Ar	FB	UD	
<i>Vireo olivaceus</i>	juruviara-norte-americano	b,c	c	c	c	c	c	Ar	FB	UD	
<i>Hylophilus poicilotis</i>	verdinho-coroadado	b						Fr,Ar	FB	UD	
<i>Hylophilus thoracicus</i>	vite-vite	b						Fr,Ar	FB	U	
<b>Emberizidae</b>											
<i>Parula pitiayumi</i>	mariquita	b,c		c	c			Ar	FB	D	
<i>Geothlypis aequinoctialis</i>	pia-cobra			c				Ar	C	U	
<i>Basileuterus flaveolus</i>	canário-do-mato	b						Ar	FB	SU	
<i>Basileuterus culicivorus</i>	pula-pula	b						Ar	FB	UD	
<i>Phaeothlypis rivularis</i>	pula-pula-ribeirinho	b						Ar	FB	SU	
<i>Coereba flaveola</i>	cambacica	b,c	c	c	c	c		Ne,Ar	FB	D	
<i>Schistochlamys ruficapillus</i> <sup>S</sup>	bico-de-veludo	b,c						Fr	FB	UD	
<i>Sericossypha loricata</i> <sup>S</sup>	carretão	b						Fr,Ar	FB	UD	
<i>Thlypopsis sordida</i>	canário-sapê	b					c	Fr	FB	D	
<i>Hemithraupis guira</i>	saíra-de-papo-preto	b						Fr,Ar	FB	D	
<i>Hemithraupis ruficapilla</i> <sup>S</sup>	saíra-da-mata	b						Fr,Ar	FB	D	
<i>Nemosia pileata</i>	saíra-de-chapéu-preto	b	c	c	c			Fr	FB	D	
<i>Tachyphonus cristatus</i>	tiê-galo	b					c	Fr	FB	D	
<i>Tachyphonus rufus</i>	pipira-preta	b						Fr	FB	D	
<i>Habia rubica</i>	tiê-do-mato-grosso	b						Fr,Ar	FB	SU	
<i>Ramphocelus bresilius</i> <sup>S</sup>	tiê-sangue	b,c					c	Fr,Ar	FB	U	
<i>Thraupis sayaca</i>	sanhaço-cinzento	b,c	c	c	c	c	c	Fr	FB	D	
<i>Thraupis cyanoptera</i> <sup>S</sup>	sanhaço-de-encontro-azul	b						Fr	FB	UD	
<i>Thraupis palmarum</i>	sanhaço-do-coqueiro	b,c	c	c	c	c	c	Fr	FB	D	
<i>Pipraeidea melanonota</i>	viúva						c	Fr,Ar	FB	D	
<i>Euphonia chlorotica</i>	fi-fi-verdadeiro	b	c				c	Fr	FB	UD	
<i>Euphonia violacea</i>	gaturamo-verdadeiro	b,c			c		c	Fr	FB	UD	
<i>Euphonia pectoralis</i>	ferro-velho	b			c		c	Fr	FB	UD	
<i>Chlorophonia cyanea</i>	bonito-do-campo	b						Fr	FB	UD	
<i>Tangara mexicana</i>	saíra-de-bando	b						Fr,Ar	FB	D	R

Família/espécie	Nome comum	Áreas						Alimento	Hábitat	Estrato	Ameaças
		AI	1	2	3	4	5				
<i>Tangara seledon</i>	sete-cores	b,c			c	c		Fr,Ar	FB	UD	
<i>Tangara cyanoventris</i> <sup>S</sup>	douradinha	b						Fr,Ar	FB	UD	
<i>Tangara cayana</i>	saíra-amarelo	b,c	c		c	c		Fr,Ar	FB	UD	
<i>Tangara velia</i>	saíra-diamante	b						Fr,Ar	FB	D	R
<i>Dacnis cayana</i>	saí-azul	b	c	c	c	c		Fr,Ar	FB	D	
<i>Chlorophanes spiza</i>	saí-verde	b						Fr,Ne	FB	D	R
<i>Cyanerpes cyaneus</i>	saí-azul-de-pernas-vermelhas	b,c						Ne,Ar	FB	UD	
<i>Conirostrum speciosum</i>	figuinha-de-rabo-castanho	b	c	c	c			Fr,Ar	FB	D	
<i>Ammodramus humeralis</i>	tico-tico-do-campo-verdadeiro	b,c	c	c	c	c	c	Gr	C	SU	
<i>Haplospiza unicolor</i>	cigarra-bambu					c		Gr	FB	U	
<i>Sicalis flaveola</i>	canário-da-terra-verdadeiro	b,c	c	c	c	c		Gr	C	SU	
<i>Sicalis luteola</i>	tipio		c					Gr	C	SU	
<i>Emberizoides herbicola</i>	canário-do-campo	b,c						Gr	C	SU	
<i>Embernagra platensis</i>	sabiá-do-banhado				c			Gr	C	SU	
<i>Volatinia jacarina</i>	tiziu	b,c	c	c				Gr	C	SU	
<i>Sporophila lineola</i>	bigodinho	b						Gr	C	SU	
<i>Sporophila nigricollis</i>	baiano	b,c	c	c	c	c		Gr	C	SU	
<i>Sporophila caerulescens</i>	coleirinho	b	c	c				Gr	C	SU	
<i>Sporophila albogularis</i> <sup>S</sup>	golinho	b						Gr	C	SU	
<i>Sporophila leucoptera</i>	chorão	b,c	c	c				Gr	C	SU	
<i>Sporophila bouvreuil</i>	caboclinho	b	c					Gr	C	SU	
<i>Oryzoborus angolensis</i>	curió	b						Gr	FB	SU	R
<i>Arremon taciturnus</i>	tico-tico-do-mato-de-bico-preto	b						Fr	F	SU	
<i>Coryphospingus pileatus</i>	galinho-da-serra	b	c	c				Gr	FB	SU	
<i>Paroaria dominicana</i> <sup>S</sup>	galo-da-campina	b,c	c	c	c			Gr	FB	SU	
<i>Caryothraustes canadensis</i>	furriel	b						Fr,Fo	FB	UD	
<i>Pitylus fuliginosus</i>	pimentão	b						Fr,Fo	FB	UD	
<i>Saltator maximus</i>	tempera-viola	b	c					Gr,Fo	FB	SU	
<i>Saltator similis</i>	trinca-ferro-verdadeiro		c	c				Gr,Fo	FB	SU	
<i>Saltator atricollis</i>	bico-de-pimenta	b						Gr,Fo	C	SU	
<i>Passerina brissonii</i>	azulão	b						Gr,Fo	FB	SU	R
<i>Psarocolius decumanus</i>	japu			c				On	FB	D	
<i>Cacicus cela</i>	xexéu	b,c	c	c				On	FB	D	
<i>Cacicus haemorrhous</i>	guaxe	b	c	c	c	c		On	FB	D	

Família/espécie	Nome comum	Áreas						Alimento	Hábitat	Estrato	Ameaças
		AI	1	2	3	4	5				
<i>Icterus cayanensis</i>	inhapim	b						On	FB	UD	
<i>Icterus jamacii</i>	corrupião	b,c	c	c	c			On	FB	U	
<i>Agelaius ruficapillus</i>	garibaldi	b,c						On	C	SU	
<i>Leistes superciliaris</i>	polícia-inglesa-do-sul	b,c		c	c			On	C	SU	
<i>Gnorimopsar chopi</i>	melro	b,c	c	c	c	c	c	On	C	SUD	
<i>Molothrus badius</i>	asa-de-telha	b					c	On	C	SUD	
<i>Molothrus bonariensis</i>	chopim	b,c		c	c	c		On	C	SUD	
<b>Fringillidae</b>											
<i>Carduelis magellanicus</i>	pintassilgo	b						Gr	FB	SUD	
<b>Passeridae</b>											
<i>Passer domesticus</i>	pardal	b,c		c	c			On	C	SU	

Legenda: <sup>S</sup> = espécie endêmica (Sick 1997), b = registro bibliográfico, c = registro de campo, Alimento (Gr = grãos, Fr = Frutos, Ne = néctar, Na = carcaças, Ca = carne, Ar = artrópodes, Fo = folhas, Mo = moluscos, On = onívoro), Hábitat (F = floresta, C = campo/áreas abertas, A = aquático, B = borda, G = generalista), Estrato de Ocorrência (S = solo, U = sub-bosque/ meia altura, D = dossel, W = aquático, V = aéreo), Ameaças (R = Regional, segundo Alves et al. (2000); N = nacional, segundo IBAMA 2003; M = Mundial, segundo IUCN (2003)); Regiões (AI = área de influência, 1 = entre a estação de Cacimbas e o rio Preto do Sul, 2 = entre o rio Preto do Sul e o rio Mucuri, 3 = entre o rio Mucuri e o rio Jequitinhonha, 4 = entre o rio Jequitinhonha e o rio de Contas, 5 = entre o rio de Contas e o rio Jequiriça, 6 = entre o rio Jequiriça e o terminal de Pojuca).

### • Mastofauna

A área de influência do Gasoduto Cacimbas-Catu encontra-se, em sua totalidade, inserida na região do Domínio da Mata Atlântica. Neste bioma, ocorrem 250 espécies de mamíferos – aproximadamente 48% das espécies de mamíferos registradas para o Brasil (FONSECA *et al.*, 1996) - das quais 55 são endêmicas e 35 ameaçadas (CONSERV.INT. *et al.*, 2000).

Durante o levantamento da mastofauna da área de influência do Gasoduto Cacimbas-Catu, foram identificadas, através de dados primários e/ou secundários, 164 espécies de mamíferos, sendo que este número de espécies representa aproximadamente 66% do total de espécies de mamíferos da Mata Atlântica.

Na Tabela 5.134. encontra-se a lista dos mamíferos com ocorrência para a área de influência do Gasoduto Cacimbas-Catu, distribuídos nas regiões fisionômicas estabelecidas (1 a 6). Além disto, foram listadas as espécies com ocorrência confirmada para Mata Atlântica dos dois Estados (BA e ES),